

ANTROPOLOGIA DE SANTO IRENEU

Aluno: Sérgio Albuquerque Damião

Orientador: Paulo César Costa

Introdução

Atualmente a reflexão antropológica assume extrema importância para o indivíduo inserido na sociedade pós-moderna. Ainda sobre forte influxo do pensamento da modernidade, a dignidade humana é difundida como ponto central de todo discurso que se proponha dialogar com a pluralidade de possibilidades existente na sociedade hodierna. Revela-se, porém, um forte apelo das antropologias filosóficas, assim como das visões derivadas das religiões orientais, exercendo grande força e influência na vida das pessoas, fruto de uma profunda decepção com o racionalismo exacerbado que dominou o ocidente cristão. Percebe-se emergir deste ambiente um profundo anseio por uma antropologia que consiga a integração de toda a vida humana, antes fragmentada por um forte dualismo existencial. Evidentemente, buscando o diálogo com o indivíduo e, conseqüentemente, com as antropologias atuais, o cristianismo também pretende trazer à tona sua proposta acerca do ser humano de maneira que esta possa apresentar respostas aos anseios do homem de hoje.

A concepção sobre a integralidade do existir humano, central na reflexão cristã, é retomada como enlace fundamental entre o homem e Deus. Integralidade que foi deturpada pelo dualismo que permeou a reflexão cristã. Esse dualismo antropológico, herdado do neoplatonismo, infiltra-se no cristianismo principalmente através do pensamento de Agostinho de Hipona. A reflexão de Agostinho está fortemente marcada pelo dualismo platônico, instrumental filosófico utilizado por ele, além de conter influências decorrentes de sua experiência pessoal, entre elas convém destacar seu contato com a doutrina maniqueísta. Com toda a autoridade delegada à pessoa de Agostinho, principalmente na igreja do ocidente, este dualismo penetrou na doutrina cristã, onde causou sérias deformações em seu substrato antropológico. Entretanto, hoje encontramos na pesquisa antropológica, principalmente após o impulso proporcionado pelo Concílio Vaticano II, a preocupação de restituir ao pensamento cristão sobre o ser humano a integralidade de sua essência. Assim, mesmo admitindo que no homem existam duas realidades, corpo e espírito, isso não aponta para uma dialética de exclusão, mas trata-se de uma dualidade que deve conduzir a uma integração destes âmbitos da existência humana. Assim, aspectos duais da complexidade humana que parecem revelar uma dicotomia entre dimensões do ser como: corpo e espírito, razão e afetividade e, no que toca mais profundamente esta pesquisa, criação e salvação. Estas dimensões devem estar impulsionadas para um processo de humanização, através de uma relação de inclusão e não simplesmente mediante uma justaposição estéril. Portanto, torna-se importante para a reflexão cristã atual a recuperação do pensamento antropológico que realmente esteja de acordo com a proposta de humanização e, conseqüentemente, de salvação dos homens e mulheres de hoje. Proposta que integre os aspectos fundamentais da vida humana numa relação fecunda e

verdadeira, rejeitando-se qualquer processo excludente como, por exemplo, a exaltação de um aspecto em detrimento de outro.

Objetivos

Apresentar uma visão da antropologia cristã utilizando a reflexão desenvolvida por Ireneu de Lião em suas obras, principalmente na obra intitulada *Adversus Haeresis* (Contra as Heresias). Antropologia que o autor expõe diante de um contexto de debates com o movimento gnóstico do II século. A partir de suas reflexões, apontar pontos nucleares em sua concepção acerca do humano e que, concomitantemente, apresentem a raiz do pensamento cristão sobre Deus e seus desígnios para a humanidade. Ressaltar também aspectos centrais da pedagogia divina em relação ao ser criado, que buscam disciplinar o homem para uma maior comunhão de vida com Deus. Esta preparação ocorre de maneira gradativa e histórica e fazem parte de um mesmo propósito: a salvação humana. Assim sendo, o desenvolvimento da humanidade pode, em linhas gerais, ser delimitado em três etapas: criação, recapitulação e salvação. A pesquisa busca evidenciar a integralidade da proposta cristã para o homem, explicitando o plano salvífico de Deus, salientando a grande dignidade a qual é convidado o homem a desenvolver - ser imagem e semelhança de Deus - que culminará com a “deificação” humana (salvação).

Metodologia

Um dos grandes perigos metodológicos do estudo das obras de Santo Ireneu são as possíveis considerações “a-históricas” de seu pensamento. Faz-se extremamente necessário o conhecimento de seu contexto histórico para uma melhor coordenação de sua reflexão teológica, pois de outra maneira as dificuldades inerentes ao autor se multiplicariam. Compreendendo a importância desta contextualização realizou-se, utilizando referencialmente o livro “*Manual de Patrologia*” escrito por Hubertus R. Drobner, um panorama geral dos aspectos centrais da época do autor. A pesquisa exigiu depois desta contextualização um melhor conhecimento referente à doutrina gnóstica, principal adversário de Santo Ireneu e do cristianismo no segundo século, para que não se corresse o risco de realizar anacronismos, de certa forma, preconceituosos. Este primeiro momento da pesquisa sobre o gnosticismo teve um enfoque mais histórico e desenvolveu-se baseado em uma boa bibliografia sobre o tema. Após apresentar os principais sistemas gnósticos, visto que este possuía uma grande diversidade de linhas de pensamentos, acentuando sua visão antropológica, houve o contato com a principal obra de Santo Ireneu, “*Adversus Haeresis*”. Desse contato com o autor, buscou-se mediante a leitura de sua obra identificar a linha central que perpassa sua reflexão antropológica.

Após este delineamento onde vislumbrou-se o caminho a ser seguido, procurou-se o acesso a comentadores de sua obra através de livros e artigos para uma melhor compreensão de seu pensamento. Esta segunda etapa da pesquisa foi alicerçada sobre o livro “*Antropología de San Ireneo*” escrito por Antonio Orbe, S. I. Mediante o livro de Antonio Orbe, foram sendo construídos os principais tópicos da pesquisa. A terceira etapa da pesquisa consistiu no aprofundamento dos tópicos antes relacionados. Ficou evidenciado, entretanto, que apesar da enorme importância do autor e até mesmo depois de seu pensamento ser resgatado no Concílio Vaticano II, existe uma escassa produção literária sobre seu pensamento.

Portanto, convém neste momento fazer-se uma apresentação histórica da vida e da pessoa de Santo Ireneu, inserindo-o no seu contexto sócio-cultural para que se possa compreender, da forma mais adequada, a raiz conceitual de seu pensamento.

I - Vida de Ireneu.

A vida de Ireneu só nos é conhecida com base em umas poucas passagens de suas obras e nas informações colhidas nos escritos de Eusébio de Cesaréia (*História Ecclesiastica* V 3 – 25). Ireneu provinha da Ásia Menor, onde, quando jovem, foi ouvinte de São Policarpo de Esmirna, e como muitos membros da comunidade de Lião chegara a Gália usando as rotas comerciais de sua época. Por volta de 177 é enviado a Roma como presbítero para aconselhar o bispo Eleutério (174 – 189) a manter a comunhão eclesial com os montanistas. Após o martírio de seu bispo, Potino, Lião elegeu-o seu sucessor. Voltamos a saber de Ireneu através de uma segunda carta de paz por ocasião da controvérsia a respeito da data da páscoa, sob o bispo Vítor de Roma (189 – 199). Alicerçando-se em Policarpo, que teve divergências com o bispo de Roma Aniceto por causa de sua concepção diferente sobre a data da páscoa, batalhou para que os quartodecimanos não fossem excomungados a fim de que se mantivesse a comunhão eclesial. Deve ter falecido por volta do ano 200, mas se sofreu o martírio o primeiro a comentar é Jerônimo (*Comentarii in Isaiam* 17, 64).

Ireneu foi bispo de Lião, mas antes de tudo foi um pastor zeloso e um cristão fiel aos ensinamentos que recebera em sua juventude. Sua obra, permeada por sua forte sensibilidade pastoral, é de grande importância para o cristianismo, pois revela-nos como era desenvolvido o pensamento cristão nos primeiros séculos acerca da economia da salvação, do homem, da liberdade e do pecado. No confronto com o gnosticismo, Ireneu desenvolve uma teologia encarnada, porém sem negação do transcendente. Revela o amor de Deus por toda sua obra. O Cristo é verdadeiro homem e verdadeiro Deus, recapitulando toda a criação em Si. O homem é convidado a uma vivência junto à Trindade, e visto como ser capacitado a se tornar “imagem e semelhança” de Deus, através do Filho, pelo Espírito.

Seu pensamento revela-se profundamente atemporal. Transcende o espaço de tempo em que viveu e se apresenta como fonte de conhecimento onde a fé é alicerçada no Verbo encarnado.

II - As obras de Ireneu.

Eusébio cita toda uma série de obras de Ireneu, e transmite também alguns fragmentos, mas só duas obras foram conservadas, sua obra mais importante, o *Adversus Haeresis*, mais conhecida como *Contra as Heresias*, e a *Epidexis*, ou seja, *Apologia da pregação apostólica*.

O *Adversus Haeresis* foi escrito depois do ano 180, enquanto os três primeiros livros o foram durante o pontificado do papa Eleutério (175 -189) e os dois outros durante o do papa Vítor (189 – 198). O texto original era em grego e foi perdido; todavia, foram encontradas citações nas obras de Hipólito, Eusébio de Cesaréia e, principalmente, de Epifânio (que em sua obra *Panarion* reproduz quase todo o I livro), ou em alguns papíros. E. Ter-Minassiantz descobriu e publicou uma tradução literal em armênio do IV e V livros. Da tradução siríaca foram encontrados 33 fragmentos. A tradução latina teria sido feita na África setentrional, entre 370 e 420; H. Koch afirma ter sido já utilizada tal tradução por Cipriano, bispo de Cartago, antes de 250; W. Sanday diz que ela já existiria pelo ano 200. É certo que santo Agostinho conhecia o texto latino, tendo-o utilizado à farta, assim como Tertuliano.

Com a perda de influência dos santos Padres, a partir do século IV, Ireneu foi caindo também no esquecimento. A Idade Média o ignorou, somente no século XVI é que foi redescoberto através de uma edição parcial de *Adversus Haeresis*, em 1526, organizada por Erasmo.

O texto latino antigo foi retraduzido e recebeu maior elegância. Em 1710, o beneditino Massuet introduziu os subtítulos e a divisão em números atualmente em uso, uma vez que o autor apenas subdividiu sua obra em cinco livros.

Além do *Adversus Haeresis*, outra obra foi conservada completa sendo, em certo sentido, uma síntese didática de sua obra maior. Intitulada *Epídexis toû apostolokou Kerygmatos* (Demonstração ou exposição da pregação apostólica). Esta *Demonstração* ficou no anonimato durante muito tempo, apenas em 1904 foi descoberta uma versão Armênia, pelo arquiandrita (e depois bispo) do Azerbaijão Kaparet Ter-Mekerttschian. A primeira publicação é de 1907, acompanhada inclusive de tradução alemã com notas e divisão em 100 pequenos capítulos.

Demonstração tem o seu enfoque voltado para a economia da salvação, evidenciando o caráter cristológico e soteriológico. Aborda, também, as três Pessoas divinas, criação e queda do homem, encarnação e redenção além da conduta de Deus com o homem desde Adão até Cristo. Numa segunda parte, utiliza-se das profecias do Antigo Testamento para demonstrar sua concordância com a revelação cristã. Na conclusão, Ireneu exorta seus leitores à vida de fidelidade à fé, pondo-se cheio de atenção diante das heresias.

Têm-se referências de várias outras obras do bispo de Lião, apesar de se conservarem apenas fragmentos de umas, os títulos de outras, enquanto outras ainda são tidas como apócrifas.

III - O Gnosticismo.

Destacaremos a aparição no século II de importantes correntes de pensamento heterodoxo: o pluriforme gnosticismo cristão e o marcionismo. Por se tratar do sistema diretamente confrontado por Santo Ireneu, torna-se muito importante para a nossa pesquisa o conhecimento, mesmo que parcial, do movimento gnóstico.

O gnosticismo é uma corrente heterodoxa de pensamento que determinará a reflexão teológica do segundo século e a influenciará no terceiro. A gnose é um fenômeno complexo que durou aproximadamente quatro séculos. Era uma doutrina fundamentalmente soteriológica, que incorporava elementos mais antigos, e se desenvolveu paralelamente e em oposição ao cristianismo, cujo interesse principal era explicar o mal do mundo, a situação do homem e a possibilidade de salvação. É um fenômeno muito diversificado que segundo alguns autores se desenvolveu em três grandes momentos: uma pré-gnose, identificada com algumas religiões do II e I séculos antes de Cristo; uma gnose, que se mesclou com um judaísmo helenizado, e a gnose que encontrou o cristianismo, chamado pelos estudiosos de gnosticismo. Entretanto, as recentes descobertas de Nag Hammadi trouxeram ao cenário obras gnósticas tanto cristãs como não-cristãs e em ambos os casos supõe-se influências recíprocas: escritos gnósticos pagãos foram cristianizados e escritos cristãos foram paganizados e repaganizados. Em todo caso, mesmo estas descobertas não permitem conclusões definitivas relativas aos estágios de desenvolvimento do gnosticismo antes do século II. Por isso suas origens permanecem obscuras, e só se pode dizer com certeza que no gnosticismo encontra-se a profunda aspiração ao conhecimento que o mundo pré-cristão sentia. Substancialmente, a afirmação de um gnosticismo pré-cristão encontra atualmente

forte oposição, especialmente com a escola inglesa,¹ emergindo com força a concepção de um desenvolvimento paralelo e conflitante com o cristianismo. Com efeito, observando-se retrospectivamente os sistemas gnósticos do século II percebe-se um grande número de elementos concretos anteriores, por exemplo, na filosofia neo platônica, na mitologia, no judaísmo e nas religiões Orientais.² Apesar de que, até hoje, não se conseguiu provar conclusivamente que esses elementos individuais tivessem sentido gnóstico já em seu tempo e não tenham adquirido só mais tarde esta função. A informação transmitida pelos Padres da Igreja de que Simão mago teria sido o primeiro gnóstico não corresponde à verdade histórica.

Em relação à terminologia, a pesquisa atual distingue entre a gnose enquanto doutrina do conhecimento e o gnosticismo como doutrina da salvação que pressupõe um elaborado sistema e não apenas elementos isolados ou mitos dela. Este gnosticismo, da forma em que se pode afirmar isso hoje, encontra-se plenamente desenvolvido só no século II em grande número de sistemas tanto cristãos como não cristãos tendo cada qual seus próprios conceitos.

O gnosticismo está alicerçado essencialmente na gnose e esta é o conhecimento da auto-revelação da centelha divina que liga o homem a Deus, experiência do espírito liberto, urgente e exclusiva, que se transmite por iniciação desde o momento de seu ocultamento. As amplas informações que agora se possuem sobre o gnosticismo possibilita o adiantamento da hipótese de que os gnósticos, conformando uma corrente esotérica cristã, devem ter sobressaído muito rapidamente como um grupo entre os seguidores de Jesus de Nazaré de tendência criptojudáica. Ou seja, como representantes daqueles hasidim esotéricos, diferentes dos fariseus, que admiravam profundamente a piedade e a sabedoria dos persas e converteram-se perante a pregação de Jesus como o Cristo, o Filho de Deus e Salvador.³

Por outro lado, há traços de círculos gnósticos ligados às personagens de Simão de Menandro em Samaria, Satornil em Antioquia, Cerinto na Ásia Menor, Cerdon na Síria e Carpócrato no Egito. Entretanto, a falta de fontes diretas e a carência de informações sobre essas diversas comunidades reunidas em torno de um líder, impedem qualquer generalização prematura que venha a identificar a gnose a uma única árvore com diversos ramos. Serão necessários ainda muitos anos de pesquisa para examinar os documentos de Nag Hammadi a fim de podermos relacioná-las com os textos, os movimentos e os gnósticos conhecidos. No geral, podemos dizer que os movimentos gnósticos, através dos estudos dos textos de Nag Hammadi, já se revelam mais diversificados, ao mesmo tempo em que também se mostram mais próximos com as diversas correntes conhecidas da Igreja Antiga.

Diante de tudo isso, consideraremos como gnósticos as correntes históricas, principalmente entre os séculos II e IV, que utilizavam tradições secretas e esotéricas consideradas aptas a propiciar a seus adeptos a salvação através do conhecimento dos mistérios divinos, escritos ou transmitidos por iniciação oral.⁴ Entre os variados e complexos sistemas que afloraram dentro do gnosticismo destacaremos as Escolas de Basílides e Valentim, podendo-se destacar também a controversa figura de Marcião.

¹ GARCIA BAZÁN, Francisco, Aspectos Incomuns do Sagrado [Tradução de Ivo Stomido]. São Paulo, 2002, p. 164.

² GARCIA RÚBIO, Alfonso. Unidade na Pluralidade, pp 250 – 251.

³ GARCIA BAZÁN, Francisco, Aspectos Incomuns do Sagrado [Tradução de Ivo Stomido]. São Paulo, 2002, p. 165.

⁴ Kuntzmann R. J – Dubois D. Nag Hammadi, O Evangelho de Tomé. São Paulo, 1990, p. 19.

III. 1 – Basíledes.

Pouco sabemos a respeito da vida e da pessoa de Basíledes. Clemente de Alexandria atesta (Stromateis VII 106,6) que ele teria exercido suas atividades no reino dos imperadores Adriano e Antonino Pio (117-161) em Alexandria, o que é confirmado por outras fontes. Todas as outras informações permanecem incertas. Sua obra consistia em um comentário evangélico em 24 livros, como também de salmos ou odes; mas não se sabe que Evangelho ele teria comentado. Orígenes afirma (Homilia I in Lucam) que ele teria composto seu próprio evangelho.⁵

Tampouco é possível ter um quadro uniforme do corpo doutrinário de Basíledes, pois diversos autores cristãos o transmitem de um modo bastante diferente e não é possível distinguir se referem a diferentes partes de um mesmo sistema ou se falam de exposições conflitantes. Clemente, cujo relato em geral é considerado confiável (Stromateis IV 81-83), critica Basíledes em razão de sua doutrina de que o sofrimento do ser humano sempre tem um fundamento em sua culpa. Mesmo quando ele não se tenha tornado efetivamente culpado, persiste sua predisposição para o pecado; crianças que sofrem “sem culpa”, os mártires e até mesmo Cristo padeceram por causa dessa predisposição à culpa. O martírio, porém, purifica do pecado, e até da inclinação para o pecado, de modo que deve ser considerado um favor de Deus, favor esse reservado apenas a alguns eleitos.⁶

Por outro lado, a credibilidade da exposição de Hipólito (Refutatio VII 20-27) deu motivo a inúmeras controvérsias. Segundo este autor, Basíledes defendia uma esmerada doutrina da emanção. De acordo com sua doutrina, no princípio era o nada, e o próprio Deus era o “não-existente” que para realizar a criação do mundo, primeiro criou uma semente do universo que continha em si todas as coisas. Dela teriam se desenvolvido três filiações hierarquicamente subordinadas, que seriam essencialmente cada vez menos semelhantes a Deus e cujo desejo seria o retorno ao Deus puro. Enquanto a primeira e a segunda filiação conseguiram retornar ao Pai, a terceira teve que passar primeiro por uma purificação. Do acervo de sementes teria nascido o “grande Arcontes”, que criou o universo; em seguida um segundo Arconte, do qual falaram os profetas do Antigo Testamento, e que seria o Deus veterotestamentário de Adão até Moisés. Para a libertação da terceira filiação, enfim, teria vindo a este mundo o Evangelho, que iluminou o filho do primeiro Arconte, chamado Jesus, a respeito da existência de Deus Pai. Por sua intermediação, a terceira filiação teria sido salva e a criação em sua totalidade teria sido conduzida de volta (??at astas??) para o Pai.⁷

Outras fontes, por sua vez, falam de anjos criadores de 365 céus e que não foi Cristo quem morreu na cruz, mas que em seu lugar estaria Simão Cireneu. Por mais que as informações conservadas tornem incerto para nós hoje o sistema de Basíledes, é certo que ele levou o gnosticismo em seu tempo a tamanho esplendor que ameaçou suplantam a doutrina cristã ortodoxa.⁸

III. 2 – Marcião.

Nada se conservou da obra de Marcião, as “Antíteses” entre o Antigo Testamento e o Novo Testamento, bem como dos escritos de seus discípulos imediatos, de modo que tudo que conhecemos de sua pessoa e doutrina o devemos às obras de seus adversários,

⁵ DROBNER, Hubertus R. Manual de Patrologia. Rio de Janeiro, 1995, p. 116.

⁶ Ibidem p. 116.

⁷ Ibidem. p. 117.

⁸ Ibidem. p. 119.

principalmente Ireneu, Tertuliano, Hipólito e Clemente de Alexandria. Marcião era oriundo da cidade de Sínope, situada na costa meridional do mar Negro. Segundo Epifânio (Panarion 42,1), o bispo da cidade, que era seu pai, o excomungou por ter violado uma virgem, mas isso deve ser considerado provavelmente uma lenda posterior para denegrir sua imagem. Com efeito, outras fontes e interpretações apontam disputas dogmáticas como fundamento da excomunhão. Em seguida Marcião se dirigiu em 138 a Roma, onde a comunidade cristã o acolheu, mas em julho de 144 foi novamente excomungado por causa de suas doutrinas heterodoxas. Fundou então sua própria igreja, que, de acordo com Justino (I Apologia 25,6), já dez anos mais tarde alcançara grande difusão, mantendo-se viva até o século V. Marcião deve ter morrido por volta de 160.⁹

Seu erro teológico nasceu de uma reflexão e de uma convicção em princípio perfeitamente ortodoxa: como o Deus misericordioso anunciado por Jesus Cristo pode ser idêntico ao Deus justo e vingativo do Antigo Testamento? Ao absolutizar o Deus bom, Marcião não pôde harmonizá-lo com o Deus castigador, conseqüentemente nega a identidade de ambos repudiando todo o Antigo Testamento bem como todas as passagens do Novo Testamento referentes a ele. Restam, pois, em sua Bíblia, apenas o Evangelho de Lucas e as Epístolas paulinas (sem a epístola aos Hebreus e as cartas pastorais), logicamente, estas já devidamente depuradas. A conseqüência disso no plano teológico é que se atribui a criação do mundo e do homem não ao Deus bom, mas a um demiurgo; de sorte que o mundo deve ser rejeitado com ele e o homem, para se salvar, deve fugir do mundo e manter-se em rigorosa ascese. Marcião chegou a proibir a ingestão de vinho até mesmo na missa (embora, de resto, acolha os ritos litúrgicos da Igreja), e da mesma forma o casamento.¹⁰

O abismo criado entre o Antigo Testamento e o Novo Testamento, conseqüentemente, não permite a Cristo cancelar o pecado de Adão; mas a sua missão é levar à humanidade a mensagem do Deus bom, desconhecido até então para ela e que nada tem a ver com o mundo. Para tanto, porém, basta assumir um corpo aparente; nega-se que Cristo tenha nascido realmente de Maria, uma vez que tal nascimento teria manchado o Filho de Deus com o mundo.¹¹

Os Padres incluíram Marcião entre os gnósticos, e de fato alguns aspectos da sua doutrina justificam uma tal inclusão: sobretudo a separação entre o Deus do Antigo Testamento e o Deus do Novo Testamento, a rejeição do mundo e o papel de Cristo como simples anunciador do conhecimento salvífico. Outros elementos de sua doutrina, porém, são inteiramente estranhos ao gnosticismo, como a fundação de uma igreja própria. Portanto, atualmente se tende a considerar Marcião como um fenômeno próprio, distinto do gnosticismo. Por sua rejeição do Antigo Testamento e pela instituição de seu próprio cânon do Novo Testamento, embora não tenha sido ele quem deslançou o processo.

III. 3 – Valentim.

Valentim foi o segundo grande gnóstico desse tempo. Também dele não possuímos informações detalhadas, embora mais do que a respeito de Basíides. Temos, no entanto, um melhor conhecimento de seu sistema. Era originário do Egito e foi a Roma por volta do ano 140, como relatam Ireneu (Adversus Haereses III 4,3) e Eusébio (História ecclesiastica IV 11,1). Nesta cidade, abandonou a ortodoxia e fundou sua própria escola. Depois de 155,

⁹ Ibidem. p. 119.

¹⁰ Ibidem. p. 120.

¹¹ Ibidem p. 120.

dirigiu-se ao Oriente, talvez Chipre. De volta a Roma, faleceu pouco depois de 160. Teve discípulos célebres em meados do século II: Ptolomeu e Heráclio, no Ocidente; Marcos, o Mago, e Teódoto,¹² no Oriente. De suas obras conservaram-se poucos fragmentos, principalmente em Clemente de Alexandria. Escreveu homilias, salmos e cartas. Hipólito (Refutatio VI 37,7) conservou um de seus hinos. Tampouco se pode relacionar diretamente a ele nenhum dos escritos encontrados em Nag Hammadi.¹³

Todavia, graças aos relatos dos adversários do gnosticismo, temos boas informações sobre o sistema doutrinário de Valentim na versão exposta e transmitida por seus discípulos. No entanto, recentemente surgiram dúvidas se se tratava realmente do seu sistema original. Todavia, já que o adversário que Ireneu refuta em seu livro é primordialmente a Escola valentiniana, procuraremos expor seu sistema como hoje, depois da descoberta dos escritos de Nag Hammadi, é conhecido, sendo importante também perceber que na recomposição de seu corpo doutrinário os escritos ireneanos são de fundamental importância.

III. 3. 1 - O Pai.

Aquele que sustenta ocultamente o Todo que ele integra, sendo sua imagem realizada, uma vez que é o cumprimento de seu pensamento e vontade, é o Pai. Pai desconhecido, pois sua natureza secreta apenas é conhecida, compreendida ou delimitada suficientemente por seu Filho. Pai, portanto, ao qual ninguém conheceu nem pode conhecer a não ser por meio da glória do Filho, aquele que se apresentou diante do mundo como Salvador. Este é o único que podia torna-lo conhecido e também chamá-lo justificadamente como “Pai” (abbá). O Salvador, então, não só trouxe a mensagem do Deus desconhecido, mas também usou para ele um nome, único, que define sua singularidade. O gnóstico está deste modo imediatamente colocado na tradição primordial que o Salvador traz, e também na riqueza insondável do pensamento que revela. O Pai, como Pai em si mesmo, é apenas Uno. Com efeito, a interpretação do nome Pai dito pelo Salvador traz de modo imediato à mente duas acepções: “progenitor” e “iniciador”. O Pai, pura e estritamente falando carece de Pai, e por isso se costuma chamá-lo de “Pré-pai”, e como Primeiro carece de princípio, e por isso dele se fala como “Princípio” ou “Pré-princípio”. O pai é um só, como o Um numérico, além da série dos números, porque gera toda a unidade, e único, porque nenhum outro número tem suas qualidades numeradoras como primeiro. De acordo com isso é não-gerado e imortal e também singular ou incomparável. Em outras palavras, é “Aqueles que é” e, portanto, imutável, permanente, sempre igual e inconcebível, porque, se fosse concebido, se transformaria em ser e conhecimento do ser, o que é impossível. É inominável (*akatanómatos, anonómastos*) ou acima de todo nome que se possa nomear, já que todo nome provém em última instância dele como Pai e qualquer nome, incluindo o seu próprio nome, o delimita. Porém, entender “Pai”, ou “Aquele que é”, equivale também a entender a “Potência”. Potência sem limite, poder ou possibilidade em si, capacidade concentrada que de nada necessita, que se alimenta a si mesma e que sua tensão interna é Bem, Bondade, Suavidade ou Doçura infinita, que possui uma força expansiva conatural que não emerge, mas que espontaneamente brota de si e circula sobre si mesma.

A descrição gnóstica do “Deus desconhecido”, com sua recorrência à teologia negativa, eminential e analógica não tem suas raízes no Oriente, no platonismo, no neoplatonismo, no pensamento judaico helenístico ou na teologia patrística. Na realidade ele é

¹² Kuntzmann R. – J. Dubois D. Nag Hammadi, O Evangelho de Tomé. São Paulo, p. 17.

¹³ DROB NER, Hubertus R. Manual de Patrologia. Rio de Janeiro, 1995, p. 118.

alheio tanto à concepção filosófica do Uno como ao cru personalismo antropomórfico hebraico e cristão.

O Pai é “Um só”, porque é Pai em si mesmo e nada nem ninguém o pode ser e, por isso, o Salvador se dirigiu a Deus e o chamou de “Pai”. Este é um fato que o irrompeu singularmente na história e no pensamento e isso compreende ao menos duas vantagens para o pensador gnóstico: ele pode aplicar ao Pai como “uno-único” toda a rica tradição de especulações metafísicas do platonismo pitagorizante em torno do primeiro “uno” de Parmênides e ao Bem “além da essência” da República a respeito da simplicidade e prioridade do princípio, estudos que são estranhos a hebreus e cristãos, mas a prioridade e singularidade incomparável e indiscutível, que corresponde à noção tradicional de “paternidade” em si, permitem, também ao gnóstico, deduzir toda uma série de reflexões metafísicas sobre a “Potência” e a “Bondade”, que o afastam das abstrações puramente intelectuais helênicas e exigem o processo de conhecimento, a partir do princípio, a presença da intenção como anterior ao pensamento. Por esse motivo, se o conceito de “paternidade” exige dialeticamente sua noção oposta e correlata, a de “filiação”, ambos pedem um conceito intermediário, uma noção que opere como enlace entre ambos, que possa explicar a continuidade do processo Pai-Filho ou a geração paterna do Filho, mas ao mesmo tempo a iniciativa paterna ou origem da emissão filial. O elemento intermediário é a Mãe, a Intenção ou pensamento paterno em si (*Ennóia*).¹⁴

III. 3. 2. - O Pensamento.

O Pai em si mesmo, por sua infinita doçura, encontra-se em uma atividade de inesgotável e sereno amor, fechado em si carece de desejo, mas não de entrega a si mesmo, o que implica uma satisfação sem carência, mas também lhe dá uma possibilidade de abertura; por esse motivo, em sua possibilidade infinita, residem inativas as disposições que podem tornar realizável a saída de si: vontade e conhecimento em unidade, monarquia indivisível. Uma vez que estas disposições emergem, todavia, elas aparecem como contato de conhecimento. Uma Intenção paterna de conhecimento que é vontade de permanecer consigo mesmo conhecendo-se. Ela não é ainda a natureza amável simples do Pai, mas amor de conhecimento, tendência de deferência e distinção que quer conhecer no próprio Pai.

Este desejo cognitivo permanente de querer abarcar a infinitude paterna é inseparável do Pai e aspira à sua simplicidade, é uma tentativa de maternidade, que está no Pai, mas que estabelece uma diferença no Pai, distinguindo-se dele porque, antes de qualquer inteligibilidade, é uma aspiração de captar e frutificar em um Filho sua imagem, assim como seu conhecimento, ou o reflexo pleno do Pai nela. O pensamento em si mesmo (*Ennóia*), a atividade pré-reflexiva sem conteúdos, Pronóia, Intenção, Silêncio, Profundidade, Mãe-Pai, Andrógino divino e, do ponto de vista da gestação filial representa este momento pré-ontológico e pré-inteligível no qual o Pai preexistente sai de si permanecendo em si mesmo, para constituir-se autogerador ou produtor de si mesmo, como Matriz paterna grávida ou cheia de desejo, de modo que em seu Silêncio sejam realizados os mistérios da geração perfeita.

III. 3. 3 - O Pleroma dos Éões

¹⁴GARCIA BAZÁN, Francisco, Aspectos Incomuns do Sagrado [Tradução de Ivo Stomido]. São Paulo, 2002, p. 138.

O intelecto no Silêncio do Pai ou, com denominação estóica, o Intelecto interior (*endiáthetos*), se desdobra como um Todo noético que revela de maneira múltipla e discriminada o conhecimento e a vontade de conhecimento do Pai como um Intelecto externo ou pronunciado (*prophorikós*). A composição da plenitude que o Pai manifesta difere no número de seus componentes e nas denominações de seus membros conforme as diversas escolas ou mestres gnósticos em atenção ao auditório ao qual se dirigem e, portanto, aos fundamentos e erudição filosófica, religiosa ou teológica de que se servem. São exemplares por sua familiar precisão as reflexões sobre a tríade do valentinianos Ptolomeu e Marcos,¹⁵ mas com independência das particularidades de exposição, a originalidade aparece nas características essenciais da constituição do Pleroma:

a) O caráter emanante do processo gerador cujo crescimento gradual produz os diversos casais matrimoniais ou andróginos inclui dois elementos opostos e complementares próprios dessas emissões. Todo casal inferior é um reflexo ou imagem do superior, mas o complementa de forma pleromática. Por isso o ato produtivo não se realiza de modo mecânico e inflexível. Provém de modo perfeito, mas deve-se auto-realizar de modo inverso, como imperfeito. Por esse motivo, à medida que a tentativa de conhecimento é apropriada, põe-se em movimento a intenção de querer ser reflexo da origem e se produz a imagem que desta forma é masculino-feminina, feminina pelo desejo livremente manifesto de conhecer e masculina pela impressão outorgado pelo desejado, chegando assim a ser imagem perfeita ou antítipo. O dinamismo progressivo é uma combinação de ser, de vida e de conhecimento que volta sobre si e em cuja atividade é básico o compromisso da liberdade.

b) A organização hierarquizada do corpo pleromático que se autoconstitui em sua multiplicidade ordenada e na ação do livre-arbítrio, a decisão e a liberdade em seu processo de autoconstituição são inseparáveis, como imagem do Pai que se autogera com a intervenção de suas disposições de vontade e de conhecimento, que rege o processo de organização das entidades personificadas do Pleroma segundo dignidades individuais, o diferencial estrutural e claramente do mundo inteligível de platônicos e neoplatônicos, sendo a pedra de toque da normalidade do desenvolvimento do corpo de Deus que o revela para os gnósticos, permite explicar o drama da conduta irregular do último dos Éões.

III .3. 4 - O Éon último, Sabedoria e equívoco da Sabedoria.

Á medida que o Pleroma aumenta e se multiplica como combinação concorde de liberdade e irradiação, de querer e conhecimento, seus seres espirituais limitam a capacidade de suas funções de manifestação: aumentada a multiplicidade fundamentada na diferença, mas também a apetência de unidade para não se perder na indistinção. Esta situação de entidades distintas coordenadas em equilíbrio, razoavelmente, pode chegar a provocar crise na última das emanações espirituais, Sabedoria, e assim acontece, malogrando-se, no limite do crescimento, a capacidade de produção do casal que constitui, exatamente, como ensinam os valentinianos, com seu consorte Desejado. Sabedoria/Logos, o último, o mais jovem e o menor dos nomes, cujo fim é a produção de um louvor ou benção em honra do Pai,¹⁶ quis gerar de acordo com a potência produtora do Pai e com isso ampliar a família pleromática; não recebeu, porém, o beneplácito de sua contraparte matrimonial complementar como Totalidade no Todo e fracassou. Em outros termos, “pensou irrefletidamente”, ou seja, como Sabedoria teórica sua intenção foi indiscreta, uma vez que acreditou poder complementar-se

¹⁵ DE LIÃO, Ireneu. *Contra as Heresias*. I, 1, 3; 3, 1; 14, 1.

¹⁶ Cf. *Ibid.* I, 2, 2.

com a suma masculinidade como se procedesse dela, e não de instâncias inferiores e, como conseqüência desta insensata disposição nada paterna de seu companheiro, quis nela refletir, não a informou nenhuma impressão cognoscitiva que louvasse com seu nome o Pai como reflexo de todos os nomes, mas uma fantasia delirante ocupou seu lugar, transbordando e extraviando-se da organização das substâncias complementares. O transbordamento consumou-se da seguinte forma segundo o relato ireneano:

“Mas o último e mais novo Éon da Duodécada, gerado pelo homem e a Igreja, isto é, Sabedoria (Sofia), excitou-se grandemente e sofreu a paixão mesmo sem o abraço do cônjuge, o Desejado; essa paixão, nascida ao redor do Nous e da Verdade, propagou-se neste Éon, isto é Sabedoria, que foi alterada com aparência de amor, mas, na realidade, de temeridade, porque não se comunicaria ao Pai perfeito da mesma forma que ao Nous. A paixão consistia na procura do Pai: queria – dizem – compreender a sua grandeza e como não lhe fosse possível pelo fato de prender-se ao impossível, entrou em grande angústia por causa da grandeza do Abismo, da imperscrutabilidade do Pai e do amor por ele. Lançando-se sempre para a frente, seria finalmente absorvida pela doçura do Pai e dissolvida na substância universal se não tivesse encontrado o Poder que consolida e guarda o Éon fora da grandeza inefável. A esta grandeza dão o nome de Limite: segurado por ela e consolidado, quando, com dificuldade, voltou a si e, já convencido de que o Pai é incompreensível, abandonou a primitiva Entímese juntamente com a paixão pela qual fora tomado por causa do assombro e da admiração”.¹⁷

III. 3. 5 - A conversão de Sofia, a matéria, o Demiurgo e o mundo.

Apesar de seu desejo pelo Pai obedecer a um propósito bom, a atitude da Sabedoria foi imprudente. Portanto, quando a Sabedoria inclinada se refaz das conseqüências do golpe e volta a si, retornando ao que é e arrependendo-se do que não é, ela se recupera, mais vai reincorporando-se lentamente, pois tem de atrair para si o que, sendo dela, permanecia entre os produtos gerados por seu deslize. Estes efeitos foram de dois tipos, alguns originados em seu bom propósito carente de sensatez, os outros, nas paixões e fantasias de seu comportamento irrefletido. Os primeiros possuem substância psíquica, um substrato animado racional intermediário entre o espírito e a matéria; os outros, uma natureza material que provém da paixão e da fantasia, e desaparecerão. Uns, portanto, poderão se colocar a serviço da recuperação das sementes espirituais espalhadas de Sabedoria, os outros se oporão com astúcia e de modo tenaz a essa libertação que significa para eles seu desaparecimento. Por esse motivo, Sabedoria não se opõe à “glória vã” do chefe da substância psíquica que se acredita Deus e Pai como rebento malogrado de sua intenção desviada, e aproveita seus devaneios de fazedor. Este, portanto, toma a substância incorpórea procedente das paixões maternas (pena, temor, espanto e ignorância) e constitui segundo a qualidade própria de cada uma os quatro elementos incorpóreos: ar, água, terra e fogo, que penetra todos eles, misturando-os e produzindo a matéria informe e incorpórea e, a partir desta, uma vez massificada e como imitação distante do Pleroma, fabrica o universo com os seus sete céus, os anjos servidores que ele domina a partir do sétimo (a hebdômada) e o mundo inferior a eles, que ele entrega ao “Dominados deste mundo”. Este “Espírito arremedador” conhece as atividades do Demiurgo e a origem de suas iniciativas, mas ignora que age segundo o desígnio salvífico da Mãe, como “suas mãos e sua boca”, enquanto ela permanece no oitavo

¹⁷ Cf. *Ibid.* I, 2, 2.

céu, o das estrelas fixas, como um poder intermediário até a conclusão do mundo demiúrgico, quando a totalidade das sementes pneumáticas alcançarem a salvação.¹⁸

III. 3. 6 - Criação do homem. Os três gêneros humanos.

Tendo concluído o universo, o Demiurgo cria o homem à sua imagem com a ajuda de seus servidores. O Arconte deste mundo traz os materiais terrestres, de cuja parte mais sutil, “a terra adâmica”, o Demiurgo o plasma, dando-lhe animação e vida.¹⁹ O homem vivo demiúrgico, impotente, agita-se como um verme, mas sem poder se levantar. O demiurgo pede ajuda à Mãe e, seguindo seu conselho, sopra sobre a obra plasmada e, sem perceber, introduz nele o sopro de vida ou espírito de luz. O homem, então, se revela superior ao Demiurgo e todas as suas criaturas. Ficam assim estabelecidos os três gêneros de configuração humana: o pneumático, que possui substância espiritual, anímica e material; o psíquico, um sub-homem que possui substância anímica e material, e o corpóreo, uma criatura de forma humana ínfima que possui exclusivamente substância material. A espiritualidade, a racionalidade e a bestialidade são suas características, e suas fontes são, respectivamente, sabedoria, o Demiurgo e o “príncipe deste mundo”. No momento, porém, percebendo a superioridade do casal humano criado, o Demiurgo, para submetê-lo e conserva-lo no jardim do paraíso, permite-lhe comer de todas as árvores, menos da árvore do conhecimento, para que não tomem consciência de sua excelência sobre ele. O Diabo, todavia, que conhece as intenções do Demiurgo ganha seu primeiro combate de rivalidade nos espaços supraterrrestres e sob a forma de serpente, “o mais astuto dos animais”, aposta para valer. Tenta o homem criado à desobediência, pois deste modo, irritando o Criador, cairá de forma obcecada sobre seu domínio e, mantendo-se preso de modo perdurável, seu mundo condenado à perdição persistirá. Todavia, a cilada arcôntica estendida ao homem será, na realidade, cilada para o Grande Arconte, pois a transgressão do mandamento do Deus criador para o homem, libertando-o de sua servidão, lhe mostrará o âmbito do domínio do Deus desconhecido ao qual pertence por natureza. A função da tentação da serpente, por conseguinte, foi dupla, de libertação para o homem espiritual e de demarcação do tempo da fatalidade para a construção do Demiurgo. O que foi dito explica a existência de correntes ofíticas ou naassenas como braços do gnosticismo que submetem ao seu ensinamento as interpretações habituais judaicas e cristãs do Gênesis.

Com este conhecimento paradisiaco começa propriamente a pré-história da libertação pneumática ou do homem. O Demiurgo, burlado e indignado, castiga Adão e Eva, expulsando-os do paraíso instalado no quarto céu de Mercúrio e os reveste com a túnica de carne, o veículo adquirido em sua descida, ao passar pelas esferas de Vênus, do Sol e da Lua, que lhe outorga visibilidade, e que ao chegar a Terra se une ao corpo, uma estrutura orgânica material que acolhe o envoltório carnal e é resultado do desejo natural de geração proveniente do chefe dos corpóreos para manter seu império sublunar.

No mundo inferior, portanto, cada uma das ordens originadas na conversão e na matéria, respectivamente, combaterá pelo predomínio, embora com finalidades diversas, algumas pelo poder, as outras por inclinação à dissensão e hostilidade por si mesma, pois a sua substância é divisão e contradição. O pneumático sofre o acossamento do corpóreo e da matéria em seu corpo estimulado pelo desejo e pelos prazeres da procriação e da conservação do corpo e em sua alma sente as deficiências das paixões separadas, o temor e a dúvida

¹⁸ Cf. *Ibid.* I, 2, 3 e I, 4, 1-5, 4.

¹⁹ *Ibidem* I, 5, 5.

particularmente, mas seu espírito permanece incólume, cativo e oculto, mas sem ser maculado, assim como o “barro não suja o ouro”. Com o auxílio da Mãe, da Sabedoria inferior que vela na Ogdóada, todavia, recuperará a plenitude do casal.²⁰

III. 3. 7 - O Cristo Salvador.

A visão cristológica que perpassava a doutrina gnóstica é de suma importância para as respostas ireneanas.

Sabedoria procura recuperar sua integridade, resgatando suas sementes de luz espalhadas no mundo inferior depois que o primeiro casal humano foi expulso do paraíso; neste sentido utiliza historicamente os psíquicos inspirados pelo Demiurgo que esperam a vinda do Salvador e a anunciam por intermédio dos profetas judeus; os bárbaros e os gregos, contudo, aumentam a maioria corpórea encarregada de defender o mundo com sua conduta e seus raciocínios. A minoritária cadeia de luz que transmite os ensinamentos de todos os que conheceram Adão e Eva na vida paradisíaca, os setianos, transmitem a gnose e vão se preservando historicamente dos sucessivos ataques da obra demiúrgica. No tempo oportuno, porém, respondendo à súplica da Sofia interior, a totalidade dos membros do Pleroma está de acordo em produzir com o melhor de cada um deles um novo Éon, o Cristo, para que, fortalecidos com sua unção, o Pleroma todo brilhe com sua intrínseca luminosidade. O Cristo, então, com o acordo do Pleroma, envia o Salvador com seu séqüito para que com sua compaixão ou simpatia assuma com sua descida as formas psíquicas e carnis e a aparência de um corpo e possa deste modo produzir o desvanecimento da matéria, da carne e da psique e produzir a autêntica ressurreição, a pneumática. Desta maneira, adota a forma carnal histórica e no tempo de Jesus de Nazaré. Em seu batismo no Jordão, ele se revela como o Cristo Salvador e dá início aos tempos escatológicos ou do fim. Esta é a terceira das descidas da Prónoia e o sinal de seu triunfo definitivo, pois o Salvador, com sua presença no mundo da treva, abre o julgamento e por sua luz distingue as três raças confundidas: mostra aos materiais sua perda irreparável e sua condenação desesperada junto com o mundo animado pela vida que lhes dá movimento e vida natural, chama os psíquicos que nele confiam, aumentando sua confiança para colaborar e para que se ponham a seu serviço para a libertação dos espirituais e estes vão se unindo a ele, sua masculinidade, porque sabem qual é seu nome pleromático que o Salvador pronuncia.

III. 3. 8 - Retorno e terceira glória.

Iniciados os tempos do fim definitivo, marcados pelo julgamento do Salvador, a estrutura do universo, obra do Demiurgo e submetida à sua providência e fatalidade, se precipita para sua conclusão no céu com seu movimento e na terra com a capacidade reprodutora da natureza, uma vez que desenvolvimento de sua expansão germinal está por se completar sem possibilidade de renovação e indicando claramente que foi ordenada deste modo de acordo com a dispensação (*oikonomía*) de Sabedoria. Os pneumáticos, residindo em um corpo e uma alma corruptíveis, devem apressar pela instrução e pelas práticas de iniciação a tarefa salvífica que desde os tempos de Set se transmitiram, brilhando em sucessivos iluminadores até culminar em Cristo-Jesus-Salvador, a partir do qual a linha dos discípulos, mestres, “mensageiros da nova notícia”, ampliará a colheita do Pai, especialmente a partir do momento em que o Senhor ressuscitado na carne liberto da aparência do corpo

²⁰ GARCIA BAZÁN, Francisco, Aspectos Incomuns do Sagrado [Tradução de Ivo Stomido]. São Paulo, 2002, pp 157 – 159.

possa facilitar aos que são idôneos as experiências gnósticas extraterrestres para depois ascender ao quarto céu, despojar-se da carne e da alma e alcançar a ressurreição do espírito. O gnóstico compreende nesse período que vai da ressurreição da carne à ascensão aos céus do Salvador, que os espirituais estão submersos e espalhados de diferentes modos na disposição material e animada e que ter sido testemunhas com os olhos e os ouvidos da Palavra que salva não é um privilégio cristão, pois virão outros que, estando espiritualmente mais próximos do Senhor, poderão supera-los e que, portanto, se deve aspirar até a superar o próprio Jesus na obra de salvação.²¹ Compreende-se deste modo a distinção do grupo conatural ao Salvador que prossegue sua obra de libertação do espírito, a igreja dos gnósticos, baseada no conhecimento, da dos grupos que colaboram com sua esperança na vinda do Salvador que não conheceram e o seguem firmemente, esperando, com a fé submissa de Pedro e de seus seguidores. Os primeiros transmitem o ensinamento oral e atualizam o conhecimento salvífico experimentado entre os iguais aos quais previamente devem atrair para inseri-los na tradição esotérica sem rupturas; os segundos se afirmam na espera e no exterior à experiência gnóstica que o Salvador outorgou, nas Escrituras e no acordo corporativo de sua significação em vistas do futuro que pode ser coletivamente comprovado, na proximidade no tempo, nos recursos racionais e na fiscalização destas exigências, que serão ratificadas nos tempos que virão.²² A consolidação de um “cânon” por consenso do grupo, de uma norma e de uma igreja segundo sua imagem, será o melhor respaldo para manter a fé naquilo que se espera experimentar. O gnóstico não pode trair o conhecimento e sabe que o psíquico que espera a vinda e o cumprimento da salvação está a serviço desta obra e que com a conclusão do mundo, enquanto exterior ao Pleroma, sua fé e sua esperança se realizará. O psíquico, todavia, tendo sido afirmada sua fé superficialmente na inclinação ao poder e na organização que emerge daquele que crê que todos os homens do criador que seguirem sua providência alcançarão, por meio do combate contra o espiritual e o material. Contra o pneumático, porque sua superioridade de natureza lhe mostra o precível de sua atividade, e contra o corpóreo, porque se opõe com tenacidade e habilidade à sua adesão ao mundo, que é a única garantia de sua existência. Momentaneamente, contudo, psíquicos e corpóreos trocam seus hábitos inferiores e ínfimos sem outra saída a não ser o acossamento espiritual.

A atividade do pneumático, por conseguinte, não se esgota na busca do semelhante com a pregação instrutiva e a instrução reservada daquilo que o Salvador ensinou, mas sua iniciação no conhecimento se dirige a seguir o caminho que o Senhor realizou a partir de sua Ascensão. Esta é uma tarefa impossível sem a disposição apropriada, sem a cooperação da vontade livre do pneumático, que é gnóstico completo quando possui o conhecimento que realiza inteiramente a vontade do conhecimento do Pai, deste modo é verdadeiramente seu Filho, sua “forma seminal”, e uma vez que “o Nome do Pai é o Filho”, pronúncia do Nome impronunciável no Silêncio paterno. É assim, então, “Éon dos éons”, fim da câmara nupcial ou reencontro do feminino no masculino e recuperação da Igreja preexistente no seio de Deus, a forma eterna completa de dar glória ao Pai, de manifestar-lhe em unidade e distinção, o que Sabedoria, pelo livre exercício de sua decisão, ignorou e pela Graça paterna depois de seu desvario apaixonado, criador de ilusões: o mal, a matéria, o mundo, o universo e a alma, pôde ensinar aos Éons pessoais para ser Filiação do Pai, gloriosa para sempre.

²¹DE LIÃO, Ireneu. *Contra as Heresias*. I, 25, 2 e III, 12.

²²DE LIÃO, Ireneu. *Contra as Heresias*. III, 2 e 3.

III. 3. 9 - Diferenças gerais entre cristãos e cristãos gnósticos :

Apesar da diversidade sincrética de pensamentos e sistemas existentes no gnosticismo, é possível fazer um olhar amplo acerca das diferenças centrais que possibilitava distinguir o ortodoxo do considerado herético pelos cristãos:

No centro do gnosticismo encontramos uma concepção teológica, ou seja, uma doutrina de Deus, Uno e livre, que é uma teosofia, isto é, sabedoria divina, o que Deus quer, pensa e diz sobre si mesmo, que é sua filiação por meio da intenção materna. Dentro desta concepção teológica, o espaço destinado, dentro do pensamento cristão, a Trindade, principalmente ao Cristo, pois toda a reflexão cristã do século II girava em torno da pessoa de Jesus de Nazaré é negado. Surge, então, uma concepção cristológica que entende o Messias como Salvador enviado pelo Pleroma para a libertação e recuperação da Filiação, portanto com uma estrutura antropológica na qual se insiste na união de naturezas como uma simples *Krasis*.

Uma cosmologia negativa que se baseia no caráter efêmero e corruptível do universo e da natureza que é a raiz oculta de sua permanência ilusória. Esta deve, por conseguinte, ter-se originado na corrupção, que foi escolhida e produzida livremente e, por esse motivo, é condenável e motivo de deficiências e servidão para o incorruptível, os espirituais como rebentos do Éon que caiu. Portanto, deve o homem espiritual (pneumático), iniciado na gnose libertar-se renegando o material, por isso corruptível, em vistas do eterno.

A possibilidade do retorno da Filiação a si mesma, por complementação da deficiência (imagem imperfeita ou tipo) em sua contraparte firme (imagem perfeita, antítipo), graças à experiência da gnose e apenas por meio dela, que é alheia à atividade sensitiva e sensível (psicofísica), racional e virtuosa (psíquica), e estritamente espiritual (pneumática), tanto passando da ignorância para o conhecimento como aprofundando a natureza exclusivamente espiritual, como “luz de luz”.

O reconhecimento das práticas de iniciação como o aditamento necessário do batismo/gnose. O que inclui a consciência de ser veículo da tradição primordial esotérica correspondente ao Deus desconhecido e a admissão de um tríplice nível de compreensão das palavras do Salvador, embora se trate de homens espirituais, animados ou gerados.

A Igreja reagiu de duas maneiras a essas doutrinas gnósticas da auto-salvação pelo conhecimento reservado apenas a alguns eleitos. Do ponto de vista da organização, teve que excluir os adeptos do gnosticismo. Porque sua teologia punha em perigo os fundamentos da fé cristã: o Deus do Antigo Testamento como o Criador do mundo e Pai de Jesus Cristo e a vocação de todos à salvação. A luta literária contra o gnosticismo desmascarou a falsidade da doutrina e, por outro lado, desenvolveu positivamente uma “verdadeira gnose” do cristianismo, isto é, inseriu na teologia bíblica e tradicional da Igreja o progresso do conhecimento racional e filosófico na fé. Como representantes principais da primeira corrente surgem na Igreja de língua grega do século II e III Ireneu de Lião e Hipólito de Roma; representantes da segunda foram os primeiros grandes teólogos da escola Alexandrina: Clemente de Alexandria e Orígenes.

IV - Antropologia de santo Ireneu.

Neste confronto entre doutrina cristã e pensamento gnóstico, a figura de Ireneu surge como determinante para uma melhor clarificação das diferenças fundamentais entre estes dois pontos de vista. Afinal, a obra de Santo Ireneu é fortemente direcionada para a refutação da gnose, que começa a penetrar nos ambientes cristãos. Apontar os erros do gnosticismo torna-se imprescindível para a própria sobrevivência da doutrina cristã.

IV. 1 - O homem, ser criado por Deus.

Diante do extremo dualismo que habitava o pensamento gnóstico, associando a criação do mundo à ação de um deus mal, o demiurgo, introduzindo no pensamento da época uma profunda negação da matéria, do mundo e da carne (enquanto corpo material), Ireneu preocupa-se em demonstrar que todo o cosmos é fruto de um plano amoroso do único Deus Criador, a *Dispensação*.²³ Neste plano amoroso o homem recebe especial atenção devido a sua singular formação. Afinal, no humano está impressa a própria forma do Criador. A doutrina ireneana não considera o ser humano um espírito celeste decaído, nem fragmento divino, mas criatura no seio do mundo criado, diferindo absolutamente de seu Criador. Situa o homem na realidade concreta do mundo, como obra que em sua integralidade faz parte da criação. O homem em sua totalidade é obra de Deus.

Enquanto o gnosticismo apontava para uma formação da matéria derivada do último e mais novo Eon da Duodécada, a Sofia, que em uma tentativa frustrada de alcançar o Pai que é incompreensível e inalcançável gera, assim, o início primeiro da substância material: a ignorância, a tristeza, o medo e o assombro.²⁴ Ireneu aponta para a ação do Deus Criador. É Deus quem faz o universo e nele o homem à sua imagem e semelhança através de suas mãos: o Verbo e a Sabedoria ou Espírito (pessoal). Unidos ao Pai como as mãos unidas ao corpo humano. O Verbo atua como diácono de Deus, modelando a matéria. A Sabedoria (Espírito) como força, como *dynamis*, ornando e potencializando a obra do Verbo. Desdobra-se, assim, a ação Trinitária na criação do universo, particularmente no plasmar do homem.

A iniciativa vem de Deus Pai. É Ele quem chama a ajuda do Filho e do Espírito. A ação de ambos, no entanto, ocorre de acordo com a característica pessoal de cada pessoa da Trindade. O Pai, como imenso, infinito e informe (superior a toda forma), põe de sua parte a substância amorfa, o primeiro substrato da criação; o Verbo, como Imagem ou forma divina do universo futuro, imprime na substância amorfa sua forma; o Espírito, como similitude divina do universo futuro, completa as formas criadas com seu dinamismo e vida.²⁵

Ireneu rejeita o influxo da doutrina platônica dos três princípios Deus/matéria/forma como aparece em Plutarco e como se percebe entre os Valentinianos.²⁶ Para ele, existe apenas um único e absoluto princípio, Deus. Este livre e gratuitamente decide fundar uma *Dispensação*, servindo-se como de mãos do Verbo e do Espírito. A Trindade divina – Deus, Verbo, Espírito – responde a Trindade criada – matéria/paradigma/vida – que se deixa sentir no mundo sensível e no homem. Deus (Pai) cria a matéria; o Verbo imprime nela suas formas; e o Espírito as adorna.

A criação surge como obra da gratuita benignidade divina e encontra no homem o seu motivo central. *‘Não foi o homem feito para ela, mas ela foi feita para o homem’*²⁷. Até mesmo os anjos estavam subordinados a Adão no paraíso. Entretanto, os gnósticos afirmavam ser inverossímil tal pensamento, afinal, a carne tirada do barro era em substância inferior à essência celeste Angélica. O homem contém em si a mesma essência das outras criaturas. Os anjos são muito mais nobres que o barro adâmico. Realmente a índole terrena

²³ ORBE, Antonio, S.I. Gloria Dei vivens homo (Análisis de Ireneo, adv. Haer. IV, 20. 1-7). Gregorianum, v 73, n 2, p 212.

²⁴ DE LIÃO, Ireneu. Contra as Heresias. I, 2, 3.

²⁵ ORBE, Antonio, S.I. Gloria Dei vivens homo (Análisis de Ireneo, adv. Haer. IV, 20. 1-7). Gregorianum, v 73, n 2, p 213.

²⁶ Cf. Ibid. II, 14, 3, 60ss.

²⁷ Cf. Ibid. V 29, 1.

seria inferior em essência, contudo contém em si uma particularidade excepcional: o homem teve seu corpo plasmado ‘à imagem e semelhança de Deus’. O Criador imprime, exclusivamente, na carne humana, modelada do barro, sua própria imagem. Nenhuma outra criatura, espiritual (anjos) ou material tem em si tão grande marca.

A própria autoconsciência humana revela a particular ação de Deus. A Trindade divina é ainda mais palpável na Trindade criada quando se observa toda a complexidade humana. Pai/Verbo/Espírito se revelam de especial maneira na matéria/paradigma/vida que impulsiona a existência humana. A matéria criada pelo Pai é plasmada pela ação do Verbo recebendo do Espírito a animação, harmonizando-se, assim, com as demais espécies da criação. Desvela-se a singular posição humana no universo criado, sendo, no entanto, destinado a chegar à maturidade na carne (deificação humana) assimilando em si a imortalidade de Deus.

Em resumo: Deus (Pai) apresenta (e traz ao ser) o barro da terra. O Verbo faz do barro o corpo do homem. O Espírito o anima dotando-lhe de vida. O Filho atua como imagem, o Espírito como similitude de Deus.²⁸

IV. 2 - O corpo de barro.

Com a intenção de ressaltar a dimensão passiva do homem, enquanto criatura, na criação do Pai, Ireneu aponta para a profunda relação existente entre o homem e o cosmo. A particularidade humana está no fato de que em sua plasmação foi impressa em seu corpo a imagem e semelhança divina, no entanto é o ser humano fruto da mesma matéria utilizada para modelar todo o universo. Ireneu, que diante de si tem a compreensão depreciativa da matéria existente na doutrina gnóstica, ressalta a universalidade da matéria utilizada por Deus em sua obra e, portanto, a igualdade dos homens em seu chamado à salvação diferindo radicalmente da posição gnóstica que entendia o ser humano dentro de uma divisão preconceituosa e elitista, onde apenas alguns “escolhidos” estariam destinados a chegarem à salvação, mediante o conhecimento da gnose.

De acordo com Ireneu, Deus utilizou os elementos mais puros e sutis da terra na formação do homem, mas nem por isso uma substância estranha²⁹. O corpo de Adão ao sair das mãos de Deus era tão visível e carnal quanto o nosso. Enquanto os valentinianos afirmavam ser a terra por excelência o Espírito Santo (Sofia), mãe dos espirituais: matéria divina ‘sui generis’ a qual tomou o salvador – Demiurgo primeiro – para de esta retirar o humano fisicamente destinado à salvação. Para Ireneu, a única e verdadeira terra é a visível e material em que hoje vivemos, apenas qualitativamente renovada na consumação,³⁰ para os tempos do Reino e ainda para o dia definitivo. O homem há de vir da terra sensível para lograr a salvação no corpo de barro, unindo em si os dois extremos: terra e céu, carne e espírito, homem e Deus.

A dificuldade surge ao determinar concretamente o que fazem o Filho e a Sabedoria no plasmar do humano. A princípio não podem estar fora da sintonia que ambas seguem em sua eficácia cósmica. O Verbo dará firmeza e forma como corresponde ao paradigma divino das criaturas.³¹ ‘Medida do Pai’, imagem e forma, o Verbo imprime no limo a forma humana,

²⁸ ORBE, Antonio, S.I. Gloria Dei vivens homo (Análisis de Ireneo, adv. Haer. IV, 20. 1-7). Gregorianum, v 73, n 2, p. 214.

²⁹ ORBE, Antonio, S. I., Antropología de San Ireneo. Madrid, 1969, p. 57.

³⁰ Ibidem p. 58.

³¹ DE LIÃO, Ireneu. Contra as Heresias. IV 20, 1.

desenhando nele os membros de Adão. O plasma adquire determinados contornos que o diferencia das demais criaturas.

O Espírito move-se, também a priori, na linha de sua eficácia cósmica. Se no universo o Espírito ordena o dinamismo do movimento das espécies, na modelação humana haverá que lhe atribuir algo similar. No entanto, aparece um questionamento importante diante desta visão, afinal, uma vez formado o corpo visível do barro e desenhado na forma de Deus o que pode agregar no plasmado o Espírito Santo? Perante esta questão cabe a Ireneu afirmar que o limo manipulado pelas mãos divinas, apesar de seu substrato terreno, possui em si uma virtude divina que lhe confere unidade. O Verbo modelando o limo em seu aspecto externo faz com que a matéria informe tome contornos e formas distribuindo os membros e configurando-a, entretanto, não toca a potência divina do barro. Aqui emerge a singular ação do Espírito Santo na criação do gênero humano, pois é o Espírito que dinamizará esta virtude colocando-a em movimento e levando-a a sua destinação enquanto plasma. A Sabedoria configura a potência interna paralelamente à configuração externa do barro. O homem não será apenas o portador de uma potência divina informe ordenada a dar coesão e brandura ao elemento terreno. Mas, impulsionada pelo agir do Espírito tal virtude será o germe espiritual, o homem interior, dotado de membros e potencialidades interiores paralelas ao plasma. Este homem interior é contradistinto do plasma externo e da alma (= hálito de vida) inspirada mais tarde.³²

A modelação humana afeta o limo em seus dois elementos, o terreno e o divino, e ocorre mediante a ação das duas mãos divinas do Pai, o Verbo e a Sabedoria. O Filho modela a parte visível, dando-lhe a forma de Deus. O Espírito a parte invisível. Assim sendo, as duas faces do plasma, a interna e a externa, adquire através deste caminho na forma humana: iguais paralelos membros, com as mesmas paralelas virtualidades. Convém assinalar que o limo, previamente a sua configuração, não vivia, mesmo contendo uma virtude divina. E mesmo sendo o plasma uma substância viva que retém em si um elemento do Espírito, um germe de vida divina capaz de atuar dinamicamente, ocorre uma falta de comunhão vital entre o homem interior e o exterior, falta um vínculo *natural*, a alma.

IV. 3 - O Hálito de vida.

O corpo já modelado possui os membros necessários para uma substância humana sensível e ainda divina. Mas, falta o princípio que os ponha em movimento, o vínculo *natural* que proporcione a capacidade dinâmica da vida unindo o terreno e o divino existente no gênero humano. Ocorre então a infusão da alma através do sopro divino no rosto de Adão.

O autor imediato do sopro de vida não é o Verbo nem a Sabedoria, mas o Pai. A razão, só implícita em Ireneu, radica-se em sua categoria natural. A alma procede de Deus como verdadeira essência e não como simples modalidade de uma essência primeira. Sua aparição adentra na causalidade típica de Deus Pai, o qual afeta em todas as áreas a substância.³³

Os gnósticos identificaram a alma com o homem consubstancial a Javé. Procedia, segundo eles, da mesma substância do Demiurgo, assumindo as mesmas propriedades boas e más. Era uma geração de Javé.³⁴ O pensamento ireneano afirma que a aparição da alma

³² ORBE, Antonio, S. I., *Antropología de San Ireneo*. Madrid, 1969, p. 66.

³³ DE LIÃO, Ireneu. *Contra as Heresias*. IV 20, 1.

³⁴ Cf. *ibid.* I 5, 5.

pressupõe a formação³⁵ encomendada as duas mãos divinas. A alma não provém da substância mesma de Deus por emissão, de certa forma, generativa, mas procede por estrita criação do nada. Tanto o Filho quanto o Espírito não influenciaram no sopro de vida, este fora direta e imediatamente inspirado por Deus Pai no rosto da estátua humana.

A criação da alma está totalmente vinculada ao corpo desde o primeiro momento. Ireneu não é platônico. Sua essência, congenitamente amorfa, foi por Deus infundida. Dentro mesmo do plasma, penetrou até o homem interior animando os dois elementos, visível e invisível, concedendo vida aos membros do interno tanto como os externos. Além disso, assegurou como hálito de vida, diretamente inspirado no rosto (visível) do homem, a animação de sua carne ao mesmo tempo em que assumia o invisível e espiritual, unindo de maneira intermediária o germe do espírito com a carne. Sua infusão no plasma fez do homem animal, movendo-lhe à vida fisicamente devido aos membros externos carnis.³⁶ Porém, juntamente, assimilou-o ao invisível homem interior, todavia imperfeito, dando-lhe meios para atuar conforme as leis humanas e o colocando em comunicação dinâmica com o exterior, ao integrar-lhe à unidade pessoal e ainda física do ente vivo. Desaparece, assim, mediante a alma, a dicotomia entre ambos aspectos do humano, interior e exterior, espírito e matéria. O espírito começa desde agora a se sustentar como um substrato na psyche, e por esta chega à carne e vice-versa, a carne vive pela alma, e mediante a alma está em condições de viver para o espírito.

A alma, em contato de um lado com o homem exterior e plasma visível e de outro com o espírito invisível, adota a forma (visível e invisível) de ambos. Nela, o Verbo, através da forma visível do corpo, segue influenciando na alma que lhe co-estende, proporcionando-lhe a vida. A Sabedoria continua, utilizando o homem interior por ela configurado, influenciando espiritualmente na alma que também lhe co-estende, recebendo sua vida.

A doutrina de Ireneu segue adquirindo singular relevo, contrastando diretamente com a visão gnóstica, sobretudo com a valentiniana. Os discípulos de Valentim distinguiam no homem três substâncias, cada qual com seu próprio dinamismo: a) a hílaca (irracional) configurada pelo Demiurgo; b) a psíquica (racional), da essência do Demiurgo; c) a espiritual, da substância da Sofia e invisivelmente inspirada no anterior. As três naturezas são diferentes, separáveis e com dinamismo e atos próprios.

Ainda que apareçam unidas em comunhão com o homem carnal, constituem três espécies humanas distintas. O primeiro a formar-se é o homem hílico, irracional, mortal e irremediavelmente corruptível. O hílico reveste e protege ao homem psíquico, racional e livre, colaborando em sua formação. O homem espiritual esconde-se em estado germinal dentro do psíquico para co-educar-se com ele e dispor-se da própria forma espiritual³⁷. A ordem de aparição ocorre inversamente à dignidade: primeiro o hílico, logo o psíquico e por último o pneumático ou espiritual. À formação do hílico segue a racional do psíquico e a esta a gnóstica do pneumático.

O hílico deriva de uma matéria irracional influída e modelada pelo Demiurgo à sua própria imagem. Como é matéria viva, com a plasis começa a viver vida humana (no corpo e organismo do homem) material antes da infusão do psíquico.³⁸ O psíquico vem por emissão do Demiurgo, porém só inicia sua vida ao adentrar no material e adquirir em seu interior a

³⁵ Cf. *Ibid.* V 1, 3.

³⁶ Cf. *Ibid.* V 12, 1.

³⁷ ORBE, Antonio, S. I., *Antropología de San Ireneo*. Madrid, 1969, p. 72.

³⁸ Cf. *Ibid.* p. 72.

forma humana.³⁹ O pneumático procede da Sofia como emissão também substancial, e começa sua existência humana infundindo-se e absorvendo por meio do psíquico a forma humana. Mesmo que exista interação entre os três, porque todos adotam, devido ao plasma, uma forma comum – a forma humana –, cada um tem sua natureza especificamente diversa e independente uma da outra além de uma função paralela e diferente. O hílico possui uma vida naturalmente irracional, submetida às leis da matéria e a seu destino peculiar, a corrupção física. O psíquico contém uma vida racional e conforme as leis do racional podendo agir livremente optando pela matéria (como o hílico) ou pelo espírito (como o pneumático). O pneumático nasce com uma *physis* divina orientada para Deus, e segundo as leis dos espíritos superiores à ética dos racionais chegando, mediante a gnose, à incorrupção característica do Pai.⁴⁰

Defendendo a universalidade do gênero humano em sua integralidade, Ireneu descarta tais “espécies humanas”. O ser humano é único em natureza. Sua primeira e rigorosa substância é a porção de terra mesclada com virtude divina. Barro informe alentado pelo sopro do Espírito (impessoal). Antes ainda que sua formação do barro e, conseqüentemente, antes da infusão do hálito de vida (atestado por Gn 2,7), esconde-se no barro o germe do espírito.

Em lugar de supor uma origem cronológica na modelação humana, como queriam os gnósticos, o que forneceria as bases para uma visão fragmentada do homem onde se destacaria seu último componente como o mais nobre dentro de uma escala evolutiva, o autor afirma que mesmo ainda em seu estágio informe, há a presença no barro um *mixis* de matéria e espírito.⁴¹ Ao ser modelado – por dentro e por fora – o limo, divinamente capacitado, aparece a verdadeira espécie humana, definido por sua substância natural e por sua forma particular que o torna apto tanto para a vida natural como também, dentro dos desígnios de Deus, para a vida espiritual. A missão do hálito da vida consiste em por em movimento, de maneira vital, ambos elementos constituintes do homem, colocando-os sob a ação simultânea e paralela das duas mãos do Pai.

Enquanto o plasma valentiniano é simples condição material descartável para a existência e desenrolar da vida humana, sobretudo para os considerados espirituais, Ireneu afirma ser o único e verdadeiro homem, dentro desta sua complexa integralidade, objeto da ação qualificada do Verbo e do Espírito, além de ser o centro de toda a economia salvífica.

IV. 4 - A imagem de Deus.

O mistério do homem feito à imagem e semelhança de Deus está precisamente em sua forma. A insistência na modelação humana mediante o agir do Verbo e da Sabedoria obedece a este pensamento. O Verbo configura o corpo de Adão com vistas ao seu futuro. Desde a primeira aparição o homem está orientado para o homem perfeito, Cristo. Existe fortemente impresso no pensamento ireneano a idéia de uma finalidade fundamental e essencial no gênero humano.

O passeio do Filho com Adão pelo paraíso profetiza o futuro do homem como centro da economia do mundo⁴². As teofanias apontavam para o Verbo, não simplesmente como

³⁹ Cf. Ibid. p. 72.

⁴⁰ Cf. Ibid. P. 72.

⁴¹ Cf. Ibid. p 72

⁴² Cf. Ibid. p 72.

forma acessível de Deus, mas como forma visível ao homem, prenunciando assim a Encarnação.

A modelação do primeiro Adão se consumaria no segundo, Cristo, ao qual se ordenava, paradigma único da humana-divina perfeição na corporeidade. Toda a criação e particularmente o homem já estavam orientados, desde toda a eternidade, para a sua perfeita deificação, realizada através da encarnação do Verbo do Pai. Assim, o que no princípio perecera em Adão é salvo através da encarnação de Jesus que assume a nossa carne recapitulando tudo em si.⁴³

*Maior que o homem, feito à imagem de Deus, quem poderia ser, excetuando-se o Filho de Deus, à semelhança do qual o homem foi feito? Por isso, no fim, o próprio Filho de Deus mostrou esta semelhança, fazendo-se homem, assumindo em si a antiga criatura (IV 33,4). No corpo do Verbo manifestou-se, pois, a semelhança divina misteriosamente oculta no plasma de Adão.⁴⁴ A atenção de Ireneu se concentra em torno ao *sôma*. No corpo de Jesus é revelada a medida perfeita à qual o homem fora criado.*

Em Cristo, Deus mostra-se revelando o paradigma no qual tudo fora modelado. Ele é o início e o fim, enquanto plenitude da criação e, diretamente, do homem. Portanto, teve o homem que aguardar a vinda do Verbo na carne para ver a correlação entre o homem e o Filho, imagem do Pai; entre o primeiro e o segundo Adão. Todo homem, enquanto homem, é plasma de Deus, ainda que ignore a Deus⁴⁵; imagem do Filho ainda quando ignora o Filho. Uma coisa é o feito objetivo, a imagem do Verbo impressa no homem e outra a manifestação desta imagem, o próprio homem. Uma é dom gratuito a outra é livre escolha.

No entanto, não é só sua imagem que o homem descobre no Verbo encarnado, mas a semelhança entre o primeiro Adão e a imagem pessoal de Deus, inerente ao segundo. O Verbo fez-se carne nos últimos tempos e se manifestou entre os homens para demonstrar ao mundo, de maneira sensível, a semelhança entre a imagem divina impressa no plasma de Adão e recebida logo de pais a filhos, e a imagem subsistente do Deus Invisível. O Filho de Deus recapitula e plenifica em si a antiga plasmação: *“Mas quando o Verbo de Deus se fez carne confirmou as duas coisas: fez aparecer a imagem em toda verdade, tornando-se a si mesmo exatamente o que era a sua imagem e restabeleceu a semelhança tornando-a estável e o homem perfeitamente semelhante ao Pai invisível por meio do Verbo visível.”* V 16,2

No mistério da humanidade do Filho de Deus desvela-se o mistério do homem em seu duplo aspecto, como imagem e como semelhança de Deus. Sendo possível agora ao gênero humano ver a cuja imagem havia sido configurado o primeiro homem e também a cuja semelhança. A imagem surge quando o Verbo humanando-se se torna visível ao mundo na natureza (*sarx*) do homem. A semelhança é restituída na natureza divina do homem através da configuração divina de seu plasma em relação ao mesmo Verbo humanado, assemelhando-o ao Pai Invisível através do Filho visível.

Importava comprovar não tanto a relação externa da figura humana, plasmada do limo, com a figura humana da carne de Cristo, quanto a perfeição divina a qual Deus destinava o corpo do homem. O acento recai sobre a semelhança divina da imagem e não sobre a imagem. Afeta ao divino do plasma e não ao humano e natural dele.

A perfeição da imagem do Filho não é congênita ao homem, como a perfeição da imagem do Pai é ao Filho. É perfeição gratuita e evolutiva que há de culminar na semelhança

⁴³ DE LIÃO, Ireneu. *Contra as Heresias*. V 13,3.

⁴⁴ ORBE, Antonio, S. I., *Antropología de San Ireneo*. Madrid, 1969, p 72.

⁴⁵ DE LIÃO, Ireneu. *Contra as Heresias*. IV 36,6.

perfeita do Espírito, entre a *sarx* humana e Deus, à medida do Filho.⁴⁶ O momento definitivo em que o homem descobre de maneira visível a perfeita semelhança (de Espírito) entre o Filho e o Pai é na ressurreição de Jesus, ou seja, na humanidade gloriosa do Salvador. Neste momento o Filho apresentou à visão do homem a imagem *perfeita*, o paradigma da imagem e semelhança divina de Adão. Não simplesmente no Homem-Deus, mas no Salvador feito Deus em sua humanidade, mediante a forma divina assumida na ressurreição. A carne gloriosa de Jesus é imagem perfeita de Deus e paradigma do homem. Imagem por unidade com o Verbo, imagem do Pai. Perfeita por estar marcada fisicamente, enquanto qualitativamente, com o Espírito do Filho onde dotado da forma (interna) do Pai é revestida com a Claridade (divina) que desde a eternidade possui o Filho enquanto Deus. Estende-se, assim, diante do homem toda a amplitude da Economia Salvífica ordenada por Deus para a *deificação* humana. Afinal, na Vida divina preparada para o homem, este superará, em seu plasma, aos anjos e se tornará definitiva e perfeitamente imagem e semelhança de Deus⁴⁷, colocando-se no mesmo nível de seu paradigma, Cristo ressuscitado, expressão carnal da imagem e semelhança subsistentes do Pai; faz-se, assim, espelho, fisicamente humilde, das perfeições do Verbo e do Espírito⁴⁸.

IV. 5 - A Recapitulação realizada pelo Verbo.

Acentuar a ação Trinitária na criação torna-se fundamental no seu embate com o gnosticismo. Porém, além de criar todo o universo, Deus não se contenta em apenas sustentar a obra, através de seu Verbo. A criação é feita para que participe da vida divina. Deus visa o bem do universo e por isso o entrega ao seu Filho (Mt 11,27). A criação é *crístocêntrica*. O homem, como imagem e semelhança de Deus, é convidado a participar desta vida divina. Todavia, esta vida só ocorre no acolhimento, dentro da liberdade humana, da proposta do Deus invisível feito visível em seu Verbo. Esta vida divina é introduzida e oferecida à criação através da encarnação do Filho de Deus, que assume a criação assimilando-a totalmente em sua carne, enquanto *sarx*, e plenificando-a por sua divindade. Este processo é chamado *Recapitulação*. A recapitulação seria, na opinião de alguns autores, a idéia teológica mais englobante de Ireneu e daria unidade e continuidade a seu pensamento. Esta noção explicaria sua visão da história da Salvação e responderia ao que constitui a questão central de sua reflexão: Como é possível a comunhão entre a humanidade e a divindade e como foi criado o homem para que possa ser assumido nesta unidade. Neste ponto fundamental, a exemplaridade do Verbo constituiria um nível prévio do conceito de recapitulação, com o qual Ireneu combateu os esforços gnósticos por contrapor a plasmação física do homem e sua perfeição final.⁴⁹ Em última instância, consiste na realização espaço-temporal, demarcada pela idéia de progresso, do eterno plano salvífico de Deus.⁵⁰

Por outra parte, em profunda relação com o conceito de recapitulação, encontramos duas idéias muito importantes: a encarnação e o “acostumamento”.

A *encarnação* é a aplicação suprema do princípio fundamental que dinamiza a história da salvação: o amor de Deus. A partir dela Ireneu afronta a compreensão do mistério do homem e de sua salvação,⁵¹ pois a encarnação tem sua meta na comunhão entre Deus e o

⁴⁶ ORBE, Antonio, S. I., Antropología de San Ireneo. Madrid, 1969, p 102.

⁴⁷ DE LIÃO, Ireneu. Contra as Heresias. V 36, 3.

⁴⁸ ORBE, Antonio, S. I., Antropología de San Ireneo. Madrid, 1969, p 104.

⁴⁹ DE LIÃO, Ireneu. Contra as Heresias. I 10,1.

⁵⁰ Cf. Ibid. IV 36,1ss.

⁵¹ Cf. Ibid. V, 15,22; II 30,7; V 36,3.

homem,⁵² e seu nível histórico-salvífico abarca o conjunto da vida do Cristo.⁵³ É o Verbo encarnado, em sua humanidade gloriosa, o modelo o qual foi criado o homem. Portanto, a encarnação manifestará em plenitude a imagem e semelhança divina, iniciadas e preparadas em Adão.⁵⁴ O abaixamento do Filho de Deus ao gênero humano significa a fundamentação e o princípio fontal da recapitulação.⁵⁵ Ademais, a encarnação é a recapitulação de todo o processo salvífico anterior.⁵⁶

O “acostumamento” é o processo por onde se realiza a evolução progressiva, de modo que não há oposição entre ele e a recapitulação. Ambos conceitos interpretariam o significado da encarnação para a humanidade. Na encarnação, o “acostumamento” tem um duplo efeito: Deus Pai se faz compreensível no Verbo encarnado e este acostuma o Espírito a habitar no homem para adaptar-nos a Deus; o homem se acostuma a captar a Deus e deixar-se habitar por Ele. Caminhando este processo para a consumação salvífica: a *deificação humana*. AH IV 20,5 resume as diferentes etapas do acostumamento na história da Salvação: “*O Espírito prepara o homem para o Filho de Deus, o o filho o conduz ao Pai e o Pai lhe concede a incorruptibilidade e a vida eterna, que decorrem da visão de Deus.*”

IV. 6 - A teoria da recapitulação.

Existe uma pluralidade de definições no que concerne o tema da recapitulação. Perpassaremos o assunto através de uma breve e sintética incursão a respeito dos elementos mais comumente repetidos nas variadas compreensões que encontramos sobre o tema. A princípio, numa afirmação que deve ser central, devemos perceber o protagonismo cristológico acerca da recapitulação. A pessoa de Jesus de Nazaré emerge como início e fim da história da salvação;⁵⁷ evento fundante da restauração⁵⁸ ou, com outra matiz, renovação da humanidade; a síntese do anterior a Cristo;⁵⁹ a re-unificação do todo sob o senhorio de Cristo;⁶⁰ o novo ponto de partida da história da salvação.⁶¹

Em geral o ponto de partida da elaboração é Cristo, centro da história, meta do passado e iniciador do novo.⁶² Isto assinala as duas direções fundamentais da ação sustentada e fundada em Cristo: passado e futuro. Por sua vez, nestas dimensões se integram múltiplos elementos que determinam a concreção do conceito final de recapitulação. Na dimensão de passado da ação de Cristo encontramos aspectos de signos contrários: positivo (assunção/resumo/cumprimento), referidos à figura de Adão e ao conjunto da história da salvação; negativo (derrotar/vencer), conectado com o inimigo seja ele o demônio, o pecado ou a morte.⁶³ No centro da ação, gerando o duplo movimento, está situado a acontecimento

⁵² Cf. Ibid. III 18,7

⁵³ Cf. Ibid. IV 20,8

⁵⁴ Cf. Ibid. III 18,7; V 1,2.

⁵⁵ Cf. Ibid. V 1,2; 14,1

⁵⁶ TOSAUS ABADÍA, J. P. Cristo y el Universo Estudio Lingüístico y temático de Ef 1, 10b, en Efésios y en la obra de Ireneo de Lyon. Salamanca, 1995. p 189.

⁵⁷ DE LIÃO, Ireneu. Contra as Heresias. III 16,6.

⁵⁸ TOSAUS ABADÍA, J. P. Cristo y el Universo Estudio Lingüístico y temático de Ef 1, 10b, en Efésios y en la obra de Ireneo de Lyon. Salamanca, 1995, p 191.

⁵⁹ DE LIÃO, Ireneu. Contra as Heresias. III 11, 5,8; 16,7.

⁶⁰ Cf. Ibid. III 16,6.

⁶¹ TOSAUS ABADÍA, J. P. Cristo y el Universo Estudio Lingüístico y temático de Ef 1, 10b, en Efésios y en la obra de Ireneo de Lyon. Salamanca, 1995, p 191.

⁶² DE LIÃO, Ireneu. Contra as Heresias. III 16,6.

⁶³ Cf. Ibid. IV 40,3.

histórico cristológico (encarnação, vida, vitória)⁶⁴ com sua projeção universal. Finalmente, na dimensão de futuro aparece a referência a uma nova vida para a humanidade que se projeta até a parusia sob o reinado total do Verbo encarnado.⁶⁵

Entretanto, não existe unanimidade na hora de determinar quais são os conteúdos decisivos da recapitulação. Aquilo que poderíamos chamar de “polos constitutivos” desta ação. Contudo, ao tentar determinar quais seriam estes pontos centrais os autores procuram abster-se de afirmar a exclusividade de algum dos fatores em detrimento dos demais. Porém, as opiniões centralizam-se em quatro dados fundamentais na reflexão teológica: a criação inicial cifrada em Adão; a encarnação do Verbo; a cruz como símbolo da vitória de Cristo; a plenitude escatológica final da parusia.⁶⁶ Dentro destes quatro fatores pode-se fazer a distinção de duas classes: “geradores ativos” da recapitulação (encarnação e cruz) e “término referenciais/resultantes” da mesma (Adão, parusia).⁶⁷ Toda a interpretação dos autores recorre, pelo menos, a um ponto de cada classe, ocasionando, assim, pares diversos (Adão-encarnação. Encarnação-parusia, encarnação-cruz, Adão-cruz, Adão-parusia), onde, geralmente, se pondera algum elemento mais que outro, segundo o interesse do autor. De qualquer maneira, se falando de causa e efeito, os fatores “geradores” seriam os primordiais, os “terminais” constituiriam-se imprescindíveis sem o qual os “geradores” não seriam o que são, nem significariam o que significam.⁶⁸ Evidentemente é uma questão de acentos, pois não há lugar para exclusividade, afinal, os quatro pontos pertencem intrinsecamente à realidade da recapitulação e aparecem frequentemente combinados nas interpretações que se fazem da doutrina de Ireneu.

Para Ireneu, a entrega do governo do universo ao Verbo é a salvação do homem. Assim sendo, a encarnação do Verbo o torna Rei dos céus e da terra, do celeste como Verbo e do terrestre como homem, trazendo consigo a salvação ao homem, pois, agora, o homem pode contemplar a visão de sua carne gloriosa, e entrará, através do Verbo, na incorrupção e luz do Criador e Pai.

Além de identificar, com a ajuda do Antigo Testamento e do Novo Testamento, o Deus Uno com o Criador, e atribuir ao Verbo a condição de Filho, mediante o qual foram feitas todas as coisas, dadas ao Verbo Encarnado, como ponto de enlace, do Pai com o mundo e o homem, Ireneu explica, sem comprometer a alteza e transcendência do Criador, a mediação do Verbo, que abaixa de uma parte a Deus, e eleva por outra parte ao homem até as alturas do Pai e Deus supremo recapitulando, assim, todas as coisas em si. O domínio do Criador sobre o universo passa ao Filho, constituído Senhor do universo invisível e pela sua encarnação do visível, resgatando em si todos os homens com sua imolação, redimindo do pecado e da morte. Havia adquirido do Pai poder – no céu, na terra e nos abismos – para fechar e abrir aos homens – com a chave de Davi – e levanta-los a visão do Pai. O acesso à visão paterna só é possível graças à morte do Cordeiro Cristo e a efusão de seu sangue redentor. Encarnação e cruz destinam-se a um só momento: a salvação do gênero humano.

Ao contrário do Verbo imaginado pelos gnósticos, que limitava seu domínio ao Pleroma, o Verbo de Deus, segundo Ireneu, estende seu domínio a todo o universo criado, singularmente na terra e nos infernos subterrâneos: na terra, como primogênito da Virgem,

⁶⁴ Cf. *Ibid.* V 21,1.

⁶⁵ Cf. *Ibid.* V 25 1-30.

⁶⁶ TOSAUS ABADÍA, J. P. Cristo y el Universo Estudio Lingüístico y temático de Ef 1, 10b, en Efésios y en la obra de Ireneu de Lyon. Salamanca, 1995, p. 194.

⁶⁷ Cf. *Ibid.* p. 194.

⁶⁸ Cf. *Ibid.* p. 195.

homem de carne e osso, puro e santo na *sarx* humana e nos infernos, como primogênito dos mortos. Neste ponto a resposta ireneana aos gnósticos é retumbante: A salvação trazida pelo Verbo de Deus é a salvação da carne, da *sarx* humana em toda sua debilidade. Toda a criação já é feita destinada à salvação no Verbo divino. A encarnação de Cristo traz ao universo e ao homem a visão de sua plenitude, a visão de sua salvação.

Porém, a encarnação do Verbo não se trata apenas de uma mera submissão do cosmos e do homem a Deus. O Filho de Deus feito homem revela à criação o seu Rei. A contemplação de seu Rei traz a todos a Salvação, especialmente ao homem (plasmado à imagem do Verbo), que ver agora no Verbo encarnado sua verdadeira face, adentrando, assim, na salvação de sua própria carne. Torna-se evidente que a salvação consiste na plenificação do humano enquanto humano. Todavia, apesar da visão ireneana sobre a recapitulação estar fundamentada na encarnação do Logos divino, devemos ressaltar o que deve ser entendido neste aspecto. Primeiramente, a encarnação é uma realidade dinâmica, que incluiria praticamente todos os aspectos históricos de Cristo: sua humanidade se vê submetida a um processo de maturação que concluirá na ressurreição.

Em segundo lugar, tal aspecto progressivo da encarnação responde à condição humana. O humanar-se do Verbo não se restringe a apenas tomar a natureza corporal, mas, ao assumir tal natureza humana, assume o humano em toda a sua possibilidade, que só manifesta-se em uma espaço-temporalidade, ou seja, historicamente.

Além disso, esta perspectiva deve ser entendida na íntima relação existente entre encarnação e redenção. Por uma parte, o aspecto redentor parece entrar no plano salvífico num momento secundário, fazendo-se necessário diante da existência do pecado, para que, através dela, possa ser cumprida o objetivo fundamental, inicialmente alcançável apenas pela encarnação.⁶⁹ De outra parte, o uso prático que faz Ireneu da redenção e da cruz confirma a opinião de alguns autores que afirmam o caráter relativo e secundário a respeito da encarnação.⁷⁰ Certamente, a concepção dinâmica da encarnação assinala a cruz como o momento culminante da encarnação, o instante em que o Verbo experimenta o mais profundo da experiência humana.⁷¹ Conseqüentemente, a recapitulação deve ser concebida como uma ação progressiva, onde, segundo os autores, concentra-se todo os pressupostos para que seja realizada a redenção. Portanto, a encarnação não é um feito pontual, mas um processo aberto, que coincide com o que é próprio do “ser-homem”.⁷²

Ireneu não rejeita a possibilidade de existir um conhecimento do salvador por parte do homem, aliás, este conhecimento é determinante no processo salvífico, porém, diferentemente dos gnósticos, para quem o conhecimento soteriológico (gnose) é limitado a alguns poucos escolhidos, para Ireneu ele torna-se universal mediante a encarnação. O homem deve conhecer ao seu Salvador. Toda carne há de ver a seu Glorificador. Este conhecimento ocorre em duas ocasiões paradigmáticas: na primeira parusia, raiz da Encarnação do Verbo de Deus, como primogênito da Virgem e homem santo. Na segunda

⁶⁹ TOSAUS ABADÍA, J. P. Cristo y el Universo Estudio Lingüístico y temático de Ef 1, 10b, en Efésios y en la obra de Ireneo de Lyon. Salamanca, 1995, p 274.

⁷⁰ Cf. Ibid. p. 275.

⁷¹ Cf. Ibid. p. 275.

⁷² Cf. Ibid. p. 275.

parusia, o conhecimento do Cristo como primogênito dos mortos e Rei Glorioso. Sem excluir o primeiro, Ireneu tem, sobretudo, em conta a visão do Rei Glorioso e Glorificador.⁷³

O Criador se volta por amor ao homem cognoscível através dAquele mesmo (Verbo) por cujo meio fabricou o universo. Mediante o Verbo formou Deus o universo. E mediante o Verbo, Deus se dá a conhecer ao homem, rei do universo. A mediação criativa do Verbo se soma a mediação cognoscitiva, ou salvífica. O homem, em substância terrena, verá o Salvador e Rei. Será clarificado na carne, com a claridade emanada da carne do Salvador.

Por sua vez, o Verbo glorioso mediará entre a claridade do Pai e a carne dos chamados à salvação. A claridade do Pai penetrará na carne do Filho, e da carne glorificada do Filho virá até a nossa. Entrará, assim, o homem, sem abandonar a *sarx*, na incorrupção de Deus e vestirá a luz do Pai. Conhecerá o homem seu glorificador e entrará no Pai, autor primeiro da incorrupção e claridade do Filho. A criação já é feita com vistas à salvação. O Deus único é o começo e o fim de tudo. O Alfa e o Ômega. Tudo está ordenado harmoniosamente para o Pai, mediante a contemplação do Filho através do impulso do Espírito. Diferentemente do que indicava o pensamento gnóstico, não existe dicotomia entre criação e salvação. Para Ireneu, é impossível pensar em uma criação separada da salvação.

IV. 7 - A salvação oferecida pelo Verbo.

Ireneu demonstra a presença eterna do Verbo e do Espírito junto ao Pai participando ativamente na criação do mundo sensível e singularmente na formação do homem e início da história. No entanto, não se contenta Deus apenas em manter, através de suas duas mãos - o Verbo como forma e o Espírito como organizador -, o universo. Entrega o mundo sensível ao gênero humano para a salvação do próprio homem. E chegando a plenitude dos tempos dar-se a conhecer ao próprio ser humano mediante a vinda de seu Verbo. O Deus, que por sua grandeza era inacessível diretamente ao homem, quis, impulsionado por seu infinito amor, fazer-se conhecido ao homem mediante o próprio Verbo pelo qual o homem fora modelado⁷⁴. Da assistência à obra da criação, passou o Verbo a revelar-se ao homem para salva-lo. De Verbo criador passou a Verbo salvador.

O amor apresenta-se como a raiz de toda dinamicidade relacional entre o divino e o humano. Deus se faz, por amor, visível aos que, por amor, criou. Em Deus, o amor o impulsiona em direção ao homem. É Ele que de imenso se torna mensurável no Verbo. No homem a dinâmica é de acolhimento e docilidade. Através do amor a Deus, impulsionado pelo Espírito, é o homem capaz de vê-lo no Verbo.

A docilidade, direcionada por este acolhimento agápico, ao Verbo de Deus, desvela o caminho - mediante o Verbo - para Deus em um duplo sentido: transcendente, como inacessível, e imanente como criador. Ambos aspectos - de transcendência e imanência - tornam-se compreensíveis ao homem que ama a Deus e acolhe e obedece ao seu Verbo. Ao invés de considerar tais aspectos como irreconciliáveis, como pretendiam marcionitas e valentinianos, o homem dócil ao Verbo de Deus os concilia perfeitamente, vislumbrando o Invisível visível no Verbo Encarnado.

⁷³ DE LIÃO, Ireneu. *Contra as Heresias*. III, 9,1.

⁷⁴ Cf. *Ibid.* IV, 20, 4.

Esta “dinamicidade agápica” se cumpriu singularmente nos últimos tempos, ao fazer-se o Verbo homem entre os homens. Por seu meio se unia o princípio, Deus, ao fim, homem. Está aí o mistério anunciado pelos profetas: a vinda do Verbo na carne, a comunhão entre Deus e o homem.

Na *Dispensação* fundada por Deus, a encarnação do Verbo inicia, através da mediação do próprio Verbo e influxo do Espírito, a via da *deificação* humana. A libertação humana, trazida pelo Cristo, possibilita que o homem possa agora acolher totalmente o mistério salvífico de Deus. A eficácia criadora do Verbo se soma a eficácia salvífica para o homem, a quem dará a conhecer o Pai e conduzirá à comunhão perfeita no e do Espírito com Ele. O Verbo encarna unindo em Si o homem ao Espírito de Deus para a glória do Pai. A *deificação* mostra-se, assim, não como uma prerrogativa humana mais como puro Dom de Deus. O homem alcança a *deificação* (salvação) através da fé no Verbo que lhe concede o Espírito de Deus possibilitando o mergulho na glória do Pai.

Diante do Dom divino concedido ao homem para sua salvação. Dom que tem no Verbo a sua Encarnação. A criação assume importância enquanto morada do homem chamado à salvação. O Criador, portanto, se volta por amor ao homem cognoscível mediante aquele mesmo (Verbo) por cujo meio fabricou o universo. E mediante o Verbo, Deus se dá a conhecer ao homem, rei do universo. A mediação criativa é de cima para baixo. A cognoscitiva é de baixo para cima. O Verbo cria, como Deus, para a salvação e salva, como homem, a criação.⁷⁵

Aquele por cujo meio foram feitas todas as coisas (cf. JO 1,3), é o mesmo, mediante o qual – por uma economia fundada no amor – dá a conhecer o Criador. Para Ireneu, a salvação reside precisamente neste conhecimento alicerçado diretamente na visão de Deus. Visão possibilitada pelo Verbo Encarnado. O Verbo, que sempre e desde sempre, dá a conhecer o Criador, é o mesmo que pessoalmente, nos últimos tempos, se fez homem entre os homens. Ao dizer agora que esse Verbo – não Encarnado ao longo do Antigo Testamento – é o mesmo Jesus de Nazaré – Verbo Encarnado nos últimos tempos – fala diretamente com os gnósticos (marcionitas e valentinianos) que rejeitavam todo o Antigo Testamento, e no caso dos marcionitas até mesmo vários livros do Novo Testamento.

Atribui Ireneu a junção Deus/homem (em Jesus Cristo) ao mesmo Pai que quer dar-se a conhecer por Ele. A “humanização” do Verbo faz parte da *Dispensação* eleita por Deus Pai para salvar (levar à plenitude) o homem material.

O Pai, por sua grandeza, não pode fazer-se conhecer direta e imediatamente ao homem. Sim o Verbo de Deus que ao habitar com o homem, fazendo-se um deles, permite que estes conheçam ao Pai. A salvação do homem encontra-se aí: em conhecer ao Filho feito homem, e por este ao Pai e Nele descansar. *‘Por isso o Verbo se tornou dispensador da glória do Pai pela utilidade dos homens para os quais dispôs economias tão grandes, para mostrar Deus ao homem e presentear o homem a Deus.’* (Adv. Haer. Iv,20,7).

O Verbo de Deus se faz homem para salvar-lhe; o homem conhece ao Verbo para salvar-se. O mistério da salvação está no conhecimento (por visão) de Deus: oferecido, por mediação do Verbo, e aceito pelo homem. *‘É impossível viver sem vida e não há vida senão pela participação em Deus, e a participação de Deus consiste em ver a Deus e gozar da sua bondade.’* (Adv. Haer. IV,20,5)

⁷⁵ ORBE, Antonio, S.I. Gloria Dei vivens homo (Análisis de Ireneo, adv. Haer. IV, 20. 1-7). Gregorianum, v 73, n 2, p. 232.

Descendo o Verbo ao nível humano, é o humano levantado ao nível do Verbo, e feito salvo. O Verbo apresenta ao homem a sua plenitude, ou seja, a participação da vida divina, participação em Deus na Sua Vida. É um Verbo interessado, como Criador, na formação do homem revelando sua face divina e sua vocação a deificação em Deus. A salvação final consiste, portanto, em que o plasma humano repouse, mediante a visão do Verbo, no Espírito de Deus Pai se deixando possuir por Ele, adentrando na incorrupção, imortalidade e vida eterna de Deus. Penetrar na glória de Deus fazendo-la própria.⁷⁶

IV. 8 - A Visão de Deus, Salvação do homem.

A partir da afirmação Ireneana de que não é possível ao gênero humano o conhecimento imediato de Deus, e que tal conhecimento só ocorre mediatizado pelo Verbo encarnado, surge o questionamento a respeito do Antigo Testamento. Como conciliar a ação do Verbo encarnado com a visão de Deus no Antigo Testamento?

De acordo com Ireneu, a atuação do Verbo no Antigo Testamento ocorre respeitando o processo pedagógico próprio da Dispensação divina. A história humana é permeada pela pedagogia divina que age atuando na preparação do ser humano para o acolhimento do Filho de Deus. Nem os profetas nem os apóstolos conheceram direta e imediatamente o Criador.⁷⁷ Conheceram ao Verbo, em quem o Criador se faz cognoscível: os profetas em visão antecipada, em profecia; os apóstolos em presença. Sendo a visão de Deus a própria salvação do homem, três fases cabem assinalar no conceito de visão proposta pelo autor, que é desenvolvida durante a economia salvífica e que busca acostumar (processo de “acostumamento”) o gênero humano à presença de Deus, capacitando-lhe para a vida divina: a primeira fase é a *Profética*, que anuncia a visão adotiva de Deus mediante o Filho impulsionada pelo Espírito profético; a segunda fase é a visão *Adotiva* que será coroada com a visão Paterna no Reino do céu possibilitada pelo Espírito de adoção emanado do Cristo glorioso, sendo, portanto, peculiar ao Novo Testamento onde ocorre o conhecimento do Filho feito carne e, através Dele, a visão do Criador e Pai, como filhos adotivos; e a visão *Paterna* motivada pelo Espírito paterno, é a visão direta e imediata do Criador Invisível, por comunhão com seu Espírito⁷⁸.

Esta distinção faz parte da pedagogia divina em sua Dispensação: era necessário disciplinar o homem para a visão de Deus. *Através da visão profética o homem é ‘educado’ para acolher o Verbo. A visão adotiva vem por ação do Filho e Verbo encarnado, e dispõe o homem com o Espírito de adoção para a fase última. A visão paterna tem lugar no momento em que o ser humano entra no seio do Pai, por comunhão com o Espírito Paterno.*⁷⁹

O Pai Criador, incompreensível e invisível em Si, se faz humanamente visível no Verbo. O próprio Verbo humanado é duplamente visível, em profecia e em presença.

Nos desígnios de Deus, em sua Dispensação, estar deixar-se conhecer pelo homem para salva-lo. Precisa, para isso, disciplinar o gênero humano à visão do Invisível. Num primeiro momento, através do Espírito Profético e depois, mediante o Verbo, pelo Espírito Filial. O fim da Dispensação está em seu início. O Espírito Paterno é luz e Vida. O homem, ao entrar Nele, é iluminado e vivificado pelo Pai. É feito partícipe da Grandeza de Deus. Não

⁷⁶ Cf. Ibid. p. 243.

⁷⁷ DE LIÃO, Ireneu. Contra as Heresias. IV, 20,5.

⁷⁸ ORBE, Antonio, S.I. Gloria Dei vivens homo (Análisis de Ireneo, adv. Haer. IV, 20. 1-7). Gregorianum, v 73, n 2, p. 241.

⁷⁹ ORBE, Antonio, S.I. Gloria Dei vivens homo (Análisis de Ireneo, adv. Haer. IV, 20. 1-7). Gregorianum, v 73, n 2, p. 236.

por sua natureza, mas pelo infinito amor com que o Pai o acolhe mediante a vinda do Filho feito homem, possibilitando ao homem compreender e ver o Deus antes incompreensível e invisível ao ser criado.

Não existe separação entre a visão profética e a visão adotiva. Ambos se movem na mesma linha: o conhecimento do Invisível mediante o Filho. Profetas e apóstolos conhecem igualmente ao Criador Invisível mediante seu Verbo: profeticamente visível no Antigo Testamento e adotivamente visível no Novo Testamento. Enquanto os valentinianos diziam estar os profetas em comunicação direta, por visão e demais sentidos, com o demiurgo⁸⁰. Ireneu afirma a unicidade da Revelação. O Deus Uno que se auto-revela, através da profecia, no Antigo Testamento é o mesmo que se encarna fazendo-se presente no Novo Testamento concedendo-nos o Espírito de filhos adotivos. Apesar de negar aos profetas a visão imediata do Criador como os herejes afirmavam, o autor confere à profecia um valor em grande parte cronológico, segundo a direção da história. Situa o centro da atenção no mistério do Verbo humanado. Todas as predições dos profetas e de Jesus se ordenavam ao mesmo, à visão de Deus. Assim, toda a Dispensação eleita gratuita e amorosamente por Deus se ordena à salvação humana, na visão do Deus invisível.

O Pai inacessível por sua grandeza e glória admirável continuaria incompreensível se não houvesse, movido por seu amor para com o gênero humano e onipotente, revelando-se ao homem, concedendo-lhe um meio de vê-lo e, com a visão, fazer-se salvo. O Deus inacessível se faz acessível – capaz de ser visto – por seu amor ao gênero humano, a quem deseja fazer feliz com sua própria visão. Deus torna-se, assim, a própria felicidade do homem. O que para o homem era impossível resulta possível para Deus, que por amor se faz visível no Verbo, e pelo Verbo⁸¹. Portanto, os profetas não viam abertamente o rosto de Deus, e sim as economias e os mistérios pelos quais o homem é introduzido na visão de Deus.

Referente à visão de Deus, o pensamento do autor demonstra a existência de uma antítese na ação divina:

a) ‘Por sua grandeza e inenarrável glória’ Deus é inacessível (direta e imediatamente) ao homem. A isto se refere Êxodo 33,20: ‘E acrescentou: “Não poderás ver a minha face, porque o homem não pode ver-me e continuar vivendo”’.

b) Por seu amor, Deus se faz visível ao homem. A visão do Invisível, impossível para os homens, torna-se possível. Graças ao Seu amor onipotente e “humano”, Ele se faz acessível no Verbo.

A onipotência de Deus mostra-se assim como “onipotência amorosa”. Afinal, a força que impulsiona a ação divina é sempre o Amor. Por amor ao homem quis Deus revelar-se em Seu Filho: “O conhecimento do Pai é o Filho; o conhecimento do Filho pertence ao Pai e pelo Filho é revelado”.⁸²

Existe um contínuo processo pedagógico divino em relação à habilitação humana para a visão de Deus. Inicia-se pela visão profética, ao longo do Antigo Testamento, seguindo o regime do Espírito Profético; segue a visão adotiva, durante o Novo Testamento, com o Espírito de Filiação e de Adoção. Para acabar na visão direta e imediata de Deus Pai, com seu Espírito. O próprio Espírito que envolve o homem levantar-lhe-á à comunhão de vida com Ele.

⁸⁰ DE LIÃO, Ireneu. *Contra as Heresias*. I 19, 2.

⁸¹ Cf. *Ibid.* IV, 20, 9.

⁸² Cf. *Ibid.* IV, 6, 7.

Assim como o que entra na luz é iluminado por ela, o que entra no seio do Espírito Paterno é possuído inteiramente, em seus cinco sentidos, por Ele. Esta não é uma visão conceitual, porque o Criador é imenso e infinito. É visão por afinidade e comunhão de vida. O gênero humano, mergulhando no Espírito do Invisível, o vê e sente-O totalmente, como o que entra na atmosfera da luz é possuído por ela. No Reino dos céus, na “visão final” o Espírito Paterno envolverá o homem, segundo a carne, na claridade do Criador.

IV. 9 - A Deificação do homem.

Estas etapas – visão profética, adotiva e paterna – respondem ao processo de *deificação* do corpo humano. Este processo gradual de deificação do humano tem por objetivo salvar a distância da carne (sarx) humana, em sua primeira condição física, à condição divina para qual fora criada (Gn 1,6).

A disciplinarização realizada desde o início da história começa com o Espírito profético ao longo do Antigo Testamento. O Espírito de profecia dispõe o plasma humano e o deifica potencializando-o para que nos tempos novíssimos acolha o Filho. Diria-se que o Espírito de profecia preside o regime de infância do gênero humano⁸³. Na plenitude dos tempos, o Filho humanamente glorificado torna-se o responsável pelo ser humano. A deificação é continuada pelo Espírito filial, que prepara o homem para, em seu dia, entregá-lo ao Pai. O Filho conduz assim o homem até o Pai. O homem, amplamente preparado pelo Espírito profético e de adoção para o acolhimento, por visão, do Pai, será conduzido passo a passo, dentro da pedagogia divina elaborada em sua Dispensação, à visão imediata do Criador. Deus faz-se, então, comunhão de vida com o homem. O Criador que em seu seio acolhe sua criatura sustentando-a com suas mãos. O que antes determinaria a morte (Ex 33,20) agora será origem de incorrupção e vida eterna.

A deificação atinge o homem por inteiro, corpo (sarx) e alma. Atinge o indivíduo concreto, em sua integralidade, sendo comunhão de vida divina, por ser vida em Deus ao mesmo tempo em que é vida humana, pois ocorrerá no plasma humano, em seu corpo.

O processo final desta deificação humana será a possibilidade de ver Deus não mais conceitualmente, mas por similitude (afinidade ou “disciplinaridade”) do Espírito; recebendo da visão de Deus o mesmo Espírito divino. Sendo invadido pela claridade divina. A debilidade humana perfeitamente assimilada a Deus está, assim, impregnada de Sua Luz, o Espírito. O homem, no entanto, não perde sua individualidade nem a substância humana, mas passa a viver a luz e claridade do Espírito que com sua visão lhe é comunicada. O plano divino, exemplificado em Adão, cumpre-se: mergulhando no Infinito o homem torna-se definitivamente receptáculo, na carne natural, da Vida Eterna de Deus, ou seja, entra na vida amorosa, na incorrupção, claridade, luminosidade, onipotência... Do Pai⁸⁴.

A claridade de Deus, diferentemente de claridade da luz, não ilumina externamente. É luz que invade a quem o contempla. Sem perder sua transcendência faz-se acessível ao homem (em corpo e alma) e os vivifica com sua própria vida, capacitando-lhe à sua visão direta e imediata, através do Espírito de filiação, por participação Nele.

Toda a Dispensação divina busca isso: por parte de Deus, tornar-se acessível ao homem. De incompreensível compreensível, de inacessível por sua grandeza acessível por

⁸³ ORBE, Antonio, S.I. Gloria Dei vivens homo (Análisis de Ireneo, adv. Haer. IV, 20. 1-7). Gregorianum, v 73, n 2, p. 235.

⁸⁴ DE LIÃO, Ireneu. Contra as Heresias. IV, 14, 1.

seu Amor, de invisível visível, através do Verbo; e cabe ao homem fazer-se capaz de vê-Lo diretamente para sempre pelo acolhimento do Dom divino.

O Espírito de Deus penetra e impregna ao plasma humano. Como a psique penetra e anima ao corpo. No entanto, a psique penetra e anima de maneira efêmera⁸⁵. A substância humana é vivificada para sempre com a Vida eterna mesma de Deus.

A deificação humana é o cumprimento pleno dos desígnios de Deus para o homem. Deificação que ocorre pela participação e comunhão em Deus o que denota participação na Vida de Deus, onde Deus é a fonte imediata. Tal participação acontece por visão imediata e direta, por clarificação imediata da sarx humana na claridade de Deus, e com ela o deleite de sua possessão, fruto do amor de onde emana e alma da Economia.⁸⁶

O homem, assim, não só reflete o que contempla, mas transforma-se naquilo que contempla. Contemplando é transfigurado na imagem que contempla. A Vida de Deus, entranhada no Espírito do Pai, passa ao homem que o contempla.

IV. 10 - A ação Trinitária na Deificação Humana.

A deificação é o destino do homem. O gênero humano há de chegar à imortalidade, isto é, participar da imortalidade de Deus no próprio corpo, mediante sua visão. Sem deixar de ser substância humana ou sarx, chegará até Deus.

Os justos alcançarão a salvação através da visão de Deus. Os profetas, a seu modo, também vivem da visão futura de Deus (visível) cuja vinda anunciam e aguardam.⁸⁷ Veículos do Espírito de Deus atuam impulsionados por Ele aguardando a vinda do Verbo de Deus. Semelhantemente aos justos estarão sempre sustentados por Ele.⁸⁸ Portanto, o profeta, veículo do Espírito de Deus, anuncia a vinda futura do Deus feito visível enquanto vive no presente esta esperança. Não anuncia apenas de palavra, mas vê e contempla o que anuncia, mediante o Espírito de Deus.

No Verbo encarnado encontram-se as três pessoas dinamicamente manifestadas na plenitude do tempo: O Espírito, na variedade de seus carismas; o Senhor, em seu governo no céu e na terra; o Pai, nas glórias com que manifesta sua presença. Das três formas se deixará sentir Deus, de acordo com o prefigurado pelos profetas. Os quais antecipam já no Antigo Testamento o que o gnosticismo crer ignorado nele.

Após haver enumerado as variadas visões dos profetas, segundo seu objeto – o Espírito, o Senhor e o Pai – ou segundo a eficácia peculiar dos três – carismas, ministérios, glórias – Ireneu afirma a manifestação do único Deus Pai através das visões pedagogicamente existentes na história humana, conforme a sua eficácia sobre o homem e em ordem à salvação do mesmo. Entretanto, não se podem confundir o dinamismo peculiar a Deus Pai e suas duas mãos, o Verbo e a Sabedoria, como se confundiam as grandes etapas da economia – Espírito profético (Antigo Testamento), Verbo humanado e Cristo (Novo Testamento), Deus Pai (eternidade).

Na manifestação do Deus Criador, ao longo da Dispensação, atuam variadamente as três pessoas: Pai, Filho e Espírito. Os três atuam em ordem à perfeição do homem o disponibilizando à salvação, de acordo com sua própria índole pessoal. Ao Pai, autor do

⁸⁵ Cf. *Ibid.* V,12,2: “Uma coisa é o sopro de vida que faz o homem psíquico e outra coisa é o Espírito vivificante que o torna espiritual”.

⁸⁶ ORBE, Antonio, S.I. *Gloria Dei vivens homo* (Análisis de Ireneu, adv. Haer. IV, 20. 1-7). *Gregorianum*, v 73, n 2, p. 245.

⁸⁷ Cf. *Ibid.* p. 247.

⁸⁸ DE LIÃO, Ireneu. *Contra as Heresias*. II, 28, 3.

primeiro ser, corresponde a primeira decisão e iniciativa. Ao Filho, diácono do Pai, a formação do humano. Ao Espírito, associado ao Filho, a dynamis que impulsiona e nutre a condição humana.

O Espírito se insinua no homem, assemelhando-o a Si, e lhe qualifica no divino, movendo-lhe a atos “espirituais”, ordenados à salvação. Este “assemelhar-se humano” tem no Verbo seu paradigma dinâmico.

Ao Filho, feito homem entre os homens, mediador entre o Pai Invisível e o gênero humano, cabe imprimir no plasma humano a imagem de si, como imagem e semelhança de Deus à qual o homem foi modelado (Col 1,15). Leva a termo o beneplácito amoroso do Pai sobre o homem e governa a Economia da salvação.

O Pai tem em Si a iniciativa. Ele inaugurou a Dispensação da qual o Filho é diácono e o Espírito força. Decide e ordena movido por seu amor.⁸⁹

À Trindade cabe atuar; ao homem acolher e ser conduzido à sua perfeição e salvação pelo Espírito mediante o Filho, até que penetre no seio do Pai.⁹⁰

Com relação à visão concedida aos profetas, nem todos viam o mesmo, mas observavam o mesmo Deus. Assim sendo, a variedade de profecias não deve ser explicado recorrendo à multiplicidade e variedade de fontes de inspiração.⁹¹ Todas procedem do mesmo Deus Criador e Pai, que anuncia para a plenitude dos tempos o que fará o Espírito, o que é Filho e o que é Pai, segundo os múltiplos aspectos que revestirá a presença e o dinamismo do único Deus.

Anunciaram a multiplicidade de carismas do Espírito, variedade de diaconias do Verbo e variadas glórias do Deus Pai, tudo para o benefício do homem cuja dispensação salvífica servem.

Para Ireneu, a transcendência de Deus Pai é contrastante com sua imanência. Se de um lado Deus deixa-se sentir na criação, por outro, sua essência e magnitude è transcendente. Assim, Deus Pai, apesar de ser diretamente inacessível não é de todo desconhecido. O Verbo revela-o ao homem como o criador de todas as coisas.

O Verbo, como Dispensador da graça do Pai, caminha por caminhos inversos. Por uma parte torna acessível o Deus inacessível diretamente e por outra, levanta o homem e o oferece a Deus. O primeiro caminho se ordena ao segundo. Torna Deus acessível aos homens para que os homens cheguem à comunhão de Vida com Deus. As várias diaconias utilizadas pelo Filho para “trazer” Deus ao nível humano buscam glorificar a Deus no homem, com a vida de Deus. O Filho olha, assim, ao fim do homem; ao homem deificado e glorificado na carne. Isto acontece não para que o homem creia-se Deus, mas para que contemple e viva no Amor infinito de Deus por ele.

A manifestação do Pai pelo Filho busca sempre a salvação do homem. Esta manifestação procede em conformidade com as etapas da história humana, de acordo com a disciplinarização do gênero humano. Não segue, portanto, uma linha desordenada, mas uma linha de ordem e composição. Entretanto, para que a compreensão do Pai mediante o Filho faça-se proveitosa ao homem deve ser governada pela sabedoria de Deus.

Caso o Verbo não fizesse acessível o Inacessível, o homem não teria razão de ser. Deixaria de ser o homem plasmado ‘a imagem e semelhança de Deus’. Destituído da semelhança divina, perderia, assim, o melhor de si. Tornaria-se apenas plasma animado com

⁸⁹ Cf. Ibid. IV, 38, 3.

⁹⁰ Cf. Ibid. IV, 38, 37.

⁹¹ Cf. Ibid. III,12, 13.

vida efêmera, logo morreria. E com a morte do homem acabaria a glória de Deus, à qual se ordena a atual dispensação.

A glória de Deus (Pai) para a qual caminham as disposições todas do Filho, como dispensador da graça do Pai, é o homem dotado da Vida de Deus. Vida que chega pela visão do Invisível: evoluindo ao longo da economia histórica, consumada na etapa final, quando o homem entrar no seio de Deus Pai.

A glória de Deus para o homem não é a glória que Deus busca para Si, mas a que emana de Si em direção ao gênero humano. Em todas as ideologias o homem vive para a glória de Deus, e busca em tudo a glória de Deus, em Ireneu, Deus busca em tudo glorificar divinamente ao homem, clarificando-o com sua luz⁹². Que a glória do homem querida pelo Criador seja a divina não significa que Deus busque a Si. Busca unicamente, somente para o benefício do humano, a divindade reservada ao homem.⁹³

De acordo com Ireneu, Deus põe sua glória em dotar o homem com sua própria vida. Deus faz o gênero humano partícipe de Sua glória, dando-lhe sua própria Vida.⁹⁴ A glória de Deus está em ver o homem dotado da vida no Espírito, em comunhão de vida com Deus.

Fazendo-se visível no Filho, torna o homem participante de Sua própria Vida. Glorifica, assim, Deus ao homem, a quem chama desde sua origem (Gn 1,26) para sua própria Glória. Vivente pela participação no Espírito, homem pela carne.⁹⁵ Portanto, o 'homem vivo' se verifica na participação humana (na carne) no Espírito profético (durante o Antigo Testamento), no Espírito adotivo (Novo Testamento) e no Espírito paterno (na eternidade). Ao afirmar que a glória de Deus é o homem vivo Ireneu pensa, sobretudo, na última etapa: o homem dotado do Espírito paterno; a sarx totalmente possuída pelo Espírito, feita conforme o Verbo de Deus. *'Mas onde há o Espírito do Pai há o homem vivo, um sangue racional sobre o qual Deus vigia para vingá-lo, uma carne possuída pelo Espírito, a qual, esquecendo o que é, adquire a qualidade do Espírito e se torna conforme ao Verbo de Deus'* (V 9,3). Somente os que penetram em Deus percebem sua glória, através da visão, e participam de sua Vida.

De duas maneiras o Verbo revela Deus ao homem: uma natural, comum a todas as criaturas sensíveis, e em particular aos seres viventes da terra. Em sua virtude tem consistência e vida. O Criador os concede vida natural, em vários graus. Outra divina, espiritual, exclusiva dos justos. Procede 'mediante o Verbo, dispensador da graça do Pai'. Em sua virtude são vivificados e se ordenam à comunhão de Vida com Deus, manifestação última do Pai. Ireneu simplifica concedendo aqui o alcance pleno à revelação divina pelo Filho.⁹⁶

Conclusão.

⁹² ORBE, Antonio, S.I. Gloria Dei vivens homo (Análisis de Ireneu, adv. Haer. IV, 20. 1-7). Gregorianum, v 73, n 2, p. 263.

⁹³ ORBE, Antonio, S.I. Gloria Dei vivens homo (Análisis de Ireneu, adv. Haer. IV, 20. 1-7). Gregorianum, v 73, n 2, p 264.

⁹⁴ DE LIÃO, Ireneu. Contra as Heresias. IV 14, 1.

⁹⁵ DE LIÃO, Ireneu. Contra as Heresias. V, 9, 2.

⁹⁶ ORBE, Antonio, S.I. Gloria Dei vivens homo (Análisis de Ireneu, adv. Haer. IV, 20. 1-7). Gregorianum, v 73, n 2, p. 265.

As reflexões do autor sobre a antropologia cristã, mesmo que não estejam explicitadas de maneira sistemática em sua obra, apresentam uma visão acerca do ser humano que ressalta, de maneira positiva, a relação dialógica entre o homem e Deus. A criação humana, entendida como obra e iniciativa gratuita de Deus, deve ser compreendida como proposta de comunhão, caminhar de elevação da natureza humana através de um processo histórico-pedagógico, onde a salvação proposta estende-se a todos os aspectos da vida humana, atingindo, portanto, o homem em sua integralidade (corpo e alma). É, dessa maneira, descartado o conceito negativo dos gnósticos sobre a criação e a salvação. Enquanto o gnosticismo apresentava a criação como obra de um demiurgo, que utilizando uma matéria gerada pelo desespero do último dos éons existente no pleroma divino, a Sofia, Ireneu afirma a total gratuidade da ação criadora de Deus, onde toda a Trindade é artífice. Evidentemente, a ação trinitária ocorre de acordo com a eficácia cósmica específica de cada pessoa divina. O Pai é o responsável por tomar a iniciativa da criação. É Ele quem apresenta e traz ao ser a matéria. O Filho atua na modelação, plasma o corpo humano. Imprime, assim, a forma na matéria trazida pelo Pai. O Espírito é quem coloca o dinamismo da vida nos seres criados. Portanto, o Filho atua como imagem e o Espírito como similitude divina.

A originalidade da reflexão ireneana está em seu sentido histórico-integral da antropologia cristã. O ser humano, inserido no seio da história, através de sua liberdade é convidado a acolher existencialmente sua vocação, revelada no Verbo Encarnado. Diferentemente dos valentinianos, que afirmavam uma predeterminação soteriológica onde apenas alguns escolhidos chegariam a desenvolver a capacidade de auto-salvação mediante a gnose. Estes homens eram chamados de *pneumáticos*. Neles estaria escondida uma partícula divina depositada pela Sofia sem o conhecimento do demiurgo. Assim, estes homens eram convidados a uma libertação do corpo mediante os conceitos gnósticos. O corpo seria uma prisão, por ser material. O que realmente era importante no humano era o seu aspecto espiritual, apesar de nem todos o possuírem. Existiriam também os *psíquicos*, sub-homens que possuiriam substância anímica e material, e os considerados *corpóreos*, criaturas de forma humana ínfima que possui exclusivamente substância material. Esta visão negativa da matéria, do corpo e também exclusivista da salvação não condiz com a proposta cristã de gratuidade amorosa do Deus-Ágape. Esta dicotomia será prontamente rejeitada para a demonstração da unidade criação-salvação. O ser humano, segundo Ireneu, ao ser criado já é potencializado para acolher e desenvolver a salvação, de acordo com as etapas da pedagogia divina. Evolui assim, numa dinâmica de acolhimento e crescimento da própria humanidade que culminará na “deificação” do homem, ou seja, na glorificação de sua natureza humana, onde será revelado o desígnio divino em relação à humanidade: viver a vida divina. Portanto, o homem tem diante de si a perspectiva de desenvolver historicamente a imagem de Deus que lhe é intrínseca, através de uma profunda orientação para este Deus que se faz acessível, por amor, em Jesus de Nazaré.

Esta unidade entre criação-salvação aponta para uma finalidade última do cosmo criado dentro dos desígnios divinos. A Revelação plena desta finalidade referente ao ser humano e a todo o universo criado, ocorre na encarnação do Verbo. A criação é cristocêntrica. O Filho ao fazer-se homem, assumindo em seu corpo a matéria, conduz tudo a plenitude e coloca-se como o Senhor de todo o universo. Portanto, a Trindade não se contenta apenas em criar, mas inseri-se na história humana, mediante o Filho encarnado, convidando o humano a participar da comunhão divina. Esta encarnação do Verbo em seus dois aspectos – assumir a criação no corpo do Filho e leva-la à plenitude por sua divindade - fazem parte de um mesmo processo chamado de *Recapitulação*. A recapitulação seria a idéia

teológica mais englobante de Ireneu e daria unidade e continuidade a seu pensamento. Esta noção explicaria sua visão da história da Salvação e responderia ao que constitui a questão central de sua reflexão: Como é possível a comunhão entre a humanidade e a divindade e como foi criado o homem para que possa ser assumido nesta unidade. Assim sendo, a salvação torna-se histórica, torna-se atual e é oferecida a todos. Dessa maneira é combatida a visão gnóstica naquilo que ela tem de mais atraente, seu aspecto misterioso e excludente.

A recapitulação Também é o ponto central da economia salvífica. Nela, através da encarnação do Verbo, pode o homem ver ao seu salvador e com isso salvar-se. Afinal, para o autor, a salvação ocorre mediante o acolhimento e a visão de Deus. Ao contemplar o seu Deus é o gênero humano clarificado pela luz divina sendo por ela possuído e, por isso, feito participante da própria vida divina de Deus. Vida humana-divina que é vontade do próprio Deus. O mais conhecido axioma ireneano revela bem a raiz de seu pensamento: “Glória de Deus é o homem que vive e a vida do homem consiste na visão de Deus” (Adv. Haer. IV 20, 8). Nesse ponto Ireneu difere das antropologias tanto contemporâneas a ele quanto aos pensamentos posteriores. Enquanto os pensadores atribuíam ao homem a função de glorificar a Deus com a vida, Ireneu afirma que é Deus quem glorifica o homem e encontra nisto a sua glória.

A antropologia de Santo Ireneu consiste principalmente em uma visão positiva em relação à história humana e sua relação com Deus. História humana que é querida por Deus como fonte pedagógica para a preparação humana e por isso deve ser assumida pelo homem em toda a sua complexidade, pois é nos meio deste processo pedagógico que o homem vai desenvolvendo em si a imagem e semelhança a qual fora plasmado e que lhe confere dignidade singular no cosmos criado. A dignidade humana é ressaltada como o ponto de enlace na relação do homem com Deus. Dignidade que não pode ser relegada a um plano inferior para a exaltação de um aspecto religioso, mas, inserido na história, é o homem convidado a viver plenamente e dignamente sua humanidade tendo como paradigma de vida o Filho de Deus feito homem.

Referências

- 1 - DE LIÃO, Ireneu. *Contra as Heresias*. / [Introdução, notas e comentários Helcion Ribeiro; organização das notas bíblicas Roque Frangiotti; tradução Lourenço Costa]. São Paulo, Ed. Paulus, 1995, 624p.
- 2 - ORBE, A. S. I., *Antropología de San Ireneo*. Madrid, Editorial Católica, S. A., 1969, 547p.
- 3 - ORBE, A. S.I. *Gloria Dei vivens homo (Análisis de Ireneo, adv. Haer. IV, 20. 1-7)*. *Gregorianum*, v 73, n 2, pp. 205-268. 1992.
- 4 - DROBNER, H., R. *Manual de Patrologia*. Rio de Janeiro, Vozes, 1995, pp. 100 – 118.
- 5 - TOSAUS, J. P. A. *Cristo y el Universo Estudio Lingüístico y temático de Ef 1, 10b, en Efésios y en la obra de Ireneo de Lyon*. Salamanca, 1995, pp183 – 281. Doutorado (Especialização em Teologia). Facultad de Filología Bíblica Triligüe, Universidad Pontificia de Salamanca.

6 - GARCIA, F. B. Aspectos Incomuns do Sagrado [Tradução de Ivo Stomido]. São Paulo, Ed. Paulus, 2002, pp137 – 177.

7 - RÚBIO, A. G. Unidade na Pluralidade: o ser humano a luz da fé e da reflexão cristã. 3. ed. Ver. ampl. São Paulo, Paulus. 2001. 695p.

8 - KUNTZMANN, R. Nag hammadi, O Evangelho de Tomé. São Paulo, Ed. Paulinas, 1990, 191p.